O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS — QUARTA-FEIRA 15 DE AGOSTO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:717

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — HYDRAULICA-AGRICOLA.—QUESTÃO ALIMENTICIA.—A PROPOSITO.—CAMBALHOTAS DE MAMBRINO.—RETRACTAÇÃO.—NOTICIAS LOCAES.—DIREITO DE PETIÇÃO.—O CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA.—CARTA DAS CALDAS DE S. JORGE.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—COMMUNICADOS.—SECÇÃO LITTERARIA: O HOMEM DOS MIOLOS DE OIRO *por Nemo*.—PARTE OFFICIAL—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CARTA DE LISBOA.

AVEIRO

HYDRAULICA AGRICOLA

O APROVEITAMENTO DAS AGUAS DO PAIZ

Como dissemos no artigo precedente, a aquicultura está intimamente ligada á agricultura. A exploração da terra e a exploração das aguas, constituem uma e a mesma industria, servindo-se dos mesmos meios para attingirem os mesmos fins. As aguas dão á terra a sua prodigiosa fertilidade nos jorros frescos que vivificam a vegetação, e no adubo succulento que a torna capaz de occorrer ás necessidades da alimentação publica.

Mas as aguas encerram em si uma outra fonte de riqueza não menos importante, porque produzem a alimentação barata e accessivel, esse elemento indispensavel á sustentação das classes pobres, elemento duplamente poderoso, pela sua espantosa abundancia e pela facilidade e commodidade da sua acquisição.

Como muito bem diz Mr. Henry de la Blanchère, uma das mais distinctas individualidades scientificas da França contemporanea: para o completo aperfeiçoamento da humanidade, é absolutamente indispensavel que se explorem por toda a parte, sem descanço e sem treguas, mas com os cuidados do methodo e os conselhos da economia, todos os vastos dominios da Natureza, nos seus dois factores mais importantes—a terra e as aguas. E' necessario que se applique á alimentação publica o mais insignificante dos productos naturaes, sempre que esse producto seja susceptivel de utilisar-se e assimilar-se.

Se nos detivermos na analyse da accumulação sempre crescente das gerações, n'esta superficie que tem sempre fatalmente a mesma extensão e a mesma área, é possivel que cheguemos a não comprehender como hade a terra, cuja fecundidade é relativamente limitada e reduzida, poder sustentar, um dia, n'um futuro mais ou menos remoto, a massa humana continuamente augmentada, reunida e accumulada sobre a superficie do globo.

E' então prudente e previdente proclamar, desde hoje, emquanto houver em derredor de nós um tracto de terreno a explorar, que o homem não póde nem deve desprezar nenhum dos centros de producção que a natureza deixa ao alcance do exforço do seu braço. E' conveniente desde hoje que os nossos filhos se habituem a estudar estas considerações de ordem moral, e que aprendam a tirar de todos os elementos naturaes todos os recursos que se abrirem á sua exploração.

Aproveitar as aguas do paiz em beneficio da agricultura, é já meio caminho andado. Mas, irmãs gemeas, estreitamente ligadas entre si nas aspirações e nos beneficios que prestam, a agricultura e a aquicultura precisam de impulso e desenvolvimento egual e simultaneo para que mais facilmente se produzam na pratica as consequencias que nos é licito esperar d'esta fecunda alliança.

A cultura das aguas é hoje uma sciencia d'applicação profundamente estudada, e cujos resultados estão largamente demonstrados. Semeiam-se as aguas como se semeiam os campos. Colhe-se o peixe como se colhem os productos da terra. Entre nós ha, porém, uma differença que revella a nossa barbaria: ninguem levanta da terra o milho, o trigo, o centeio antes de chegar ao estado de completa maturação. O peixe persegue-se, desbasta-se, arrebata-se aos dominios da natureza antes de sahir da mucillagem do ovo. Arrancam-se-lhe os abrigos com o ancinho devastador do moliceiro, ou chassinam-se n'uma selvageria de cafres, contra a malha cerrada da chincha.

A terra dá á semente toda a força da sua exhuberante vitalidade. A agua não póde criar o peixe em toda a pujança do seu desenvolvimento, porque a mão sacrilega do explorador profana o sanctuario da natureza no periodo mais augusto da sua laboração.

D'esta differença capital provém a pobreza de sangue n'esta arteria da nossa riqueza. O lavrador cultiva com amor a terra, lavrando-a, arando-a, sachando-a, e esperando que a semente produza a rama, que a rama produza o grão e que o tempo complete a sua obra.

O pescador persegue o peixe, altera a natureza do solo e o regimen das aguas, acossa o reproductor na epocha da reproducção, atravessa os butirões na embocadura dos canaes, alastra de chinchas os rios, alarga os cercos nas bacias e mata o reproductor e os reproduzidos, esmaga os ovos, caça os embryões e emprega n'esse canibalismo sem nome todas as forças da sua actividade, e toda a ferocidade do seu instincto.

A terra continua a produzir confiando-se a uma exploração racional e relativamente perfeita. E' o interesse do proprio explorador que protege toda a sua força. Mas as aguas cançaram e succumbiram n'essa lucta deshumana e brutal. Umas especies rarearam por fórma assustadora e outras desappareceram completamente. Se as não semearmos, dentro em pouco veremos entre nós repetidas e aggravadas as mesmas scenas que enlutaram a China; que em 1722 transformáram a India n'uma região de famintos; que em 1737 produziram a crise da Dinamarca e da Noruega, e que já no seculo XIX tão graves embaraços levantaram ás classes pobres da Suecia, da Irlanda, da Escocia, das costas do Mediterraneo e do Adriatico, e ás povoações lemitrophes do Volga, do Meuse e do Danubio.

A reorganisação dos serviços agricolas é uma necessidade palpavel. Mas a introducção dos processos da Piscicultura no paiz é uma necessidade de tal ordem e de tão reconhecida importancia, que não duvidamos crer que o illustre Ministro das Obras Publicas saberá provel-a de remedio. A questão das pescas impõe-se ao estudo de todos os que comprehendem a influencia exercida pelo peixe na alimentação publica. E o nobre ministro que deu ao paiz o exemplo da solicitude na questão do aproveitamento das agoas, protegendo-as com o Regulamento de 2 d'outubro de 1886, não duvidará completar a sua obra colossal decretando para as regiões alagadas a adopção dos processos da Piscicultura e dando a esta sciencia todo o generoso e patriotico impulso que o seu espirito emprehendedor sabe imprimir a tudo o que significa um melhoramento para o paiz, ou uma evolução proveitosa em favor das industrias nacionaes.

O estado a que se acham redusidos o Vouga, o Lima, o Ave, o Mondego, o Douro e principalmente a vastissima zona que se denomina Ria de Aveiro, não póde ser mais precario nem mais lamentavel. O salmão, a lampreia, a truta, o barbo, o savel, e todas as preciosas especies que habitam as agoas doces, são raras em todos os cursos d'agoa portuguezes. Queixam-se as regiões do N. do desapparecimento progressivo dos seus peixes. Do littoral quasi desappareceu o ruivo, o besugo, a faneca, o pargo; a pescada e o goraz diminuem consideravelmente; é um enfraquecimento geral em todos os veios d'agoa e nos grandes estuarios banhados pelo collo da praia-mar das vivas.

A esta situação verdadeiramente excepcional, não póde o governo deixar de occorrer com providencias immediatas, nem ella é compativel com a energia e solicitude do illustre Ministro das Obras Publicas, espirito costumado a dar aos grandes males os grandes remedios da sua actividade e do seu alto criterio administrativo. Estão empenhados n'esta questão os mais legitimos interesses das populações ribeirinhas, e da beira-mar, e d'essa solução depende o bem estar e o futuro de muitos milhares de familias que vivem exclusivamente da exploração das agoas e que se sustentam apenas da sua producção.

O aproveitamento das aguas do paiz em favor da agricultura é um d'estes melhoramentos tão evidentemente assombrosos, que despertam em todos os homens de bom senso e de consciencia sã um clamor unanime d'applauso e de louvor. A medida complementar—o aproveitamento das aguas na sua exploração pisciçula—será o fecho d'esta obra grandiosa que produzirá resultados extraordinarios.

Complete-se, pois, o trabalho de reorganisação e a posteridade compensará em benemerencias o sr. Emygdio Navarro, das injustiças de uns, dos despeitos de outros, e das ingratidões de todos os que só sabem polluir e infamar as mais generosas intensões.

FERNANDO DE VILHENA.

QUESTÃO ALIMENTICIA

Como resultado do congresso agricola, fez-se uma nova lei, augmentando o direito de importação sobre os cereaes estrangeiros. Em consequencia d'isto as fabricas de moagem entenderam que deviam elevar 4 reis no preço do kilo de farinha. O manipulador não quiz ficar a traz na exigencia, lançando mais 10 reis no custo do kilo do pão. Isto é, este ultimo entendeu que devia augmentar por sua conta mais 6 reis n'aquella unidade, o que nos parece uma exorbitancia, se compararmos o seu procedimento com o dos moageiros.

Conforme o testemunho do *Diario Popular* o governo providenciou já sobre o caso, para garantir os direitos do consumidor. Eis a nota do seu procedimento na questão:

Tendo as fabricas de moagem elevado 4 reis o preço de kilogramma de farinha, do que não deve resultar augmento do preço do pão, o ministerio da fazenda, por precaução e a fim de evitar que esse facto se dê sem logo prover de remedio, officiou ao sr. governador civil de Lisboa, recommendando-lhes que pelos administradores dos bairros e commissariados de policia mande informar, logo que se manifeste qualquer elevação do preço do pão. Se o facto se der, o governo immediatamente baixará o direito de importação das farinhas. Em breves dias será publicado o decreto organisando a bolsa official dos cereaes em Lisboa. A contar do estabelecimento d'essa bolsa, se o preço dos trigos não fôr o determinado na lei, tambem o governo immediatamente baixará os direitos sobre as farinhas.

Segundo informações vagas, e que estimaremos não ver confirmadas, parece que as fabricas de moagem querem persistir na pessima tactica d'estes ultimos annos, que levantou contra ellas muitos clamores justificados dos agricultores. Desejamos que o facto não se dê, mas dando-se, esperamos que o governo lhes dê uma lição que fique de memoria.

Ora tendo sido elevado pelos manipuladores o preço do pão, que custa mais 10 reis em kilo, o governo resolvido como se vê a tomar as medidas que as circumstancias recommendam, vae reduzir os direitos de importação sobre as farinhas. D'este modo satisfaz de prompto as necessidades do consumidor, que cumpre precatar contra a especulação.

Os trigos na America produziram pouco, e por tanto este grande armazem da Europa não se presta actualmente a ganancias graúdas, como as que teem tido os farinheiros da capital. A colheita d'este cereal no nosso paiz, tambem não é tamanha, que possa suprir aquella falta. D'este modo o trigo ha de subir no mercado e o pão ha de encarecer se os cereaes do Danubio e da Africa não vierem attenuar a crise alimenticia, abastecendo o nosso mercado.

Mas os factos que ahi ficam ligeiramente esboçados, não os determinou o congresso agricola de Lisboa, nem devem a sua origem ás providencias adoptadas pelo governo portuguez. E por tanto, se outras são as causas, não devemos omitil-as na actual conjunctura, para que não se imponha responsabilidade alguma a quem não tem a culpa.

Estamos certos que o nobre ministro da fazenda não levantará mão da questão sem a resolver definitivamente. Como dissemos em tempo, ella é complexa, e por tanto carece do esforço e boa vontade de todos.

A PROPOSITO

A inauguração dos monumentos é sempre um successo nos fastos das nações. Em França a estatua de Gambeta despertou enthusiasticas demonstrações de simpathia, porque o celebre tribuno alliava ás eminentes qualidades que o tornaram distincto no parlamento, como um dos luctadores mais brilhantes da palavra, como um dos campeões mais denodados da democracia, os serviços relevantes prestados á patria, quando o estrangeiro talava os campos e arrasava os baluartes, com a mira na annexação da Alsacia e da Lorena.

Assim Gambeta não era para a França só o heroe de 4 de setembro, mas o vulto eminente que tinha armado exercitos apoz as catastrophes de Sedan e Gravelote, que tinha preparado a resistencia, que tornou honrosa a capitulação apoz as palavras quasi legendarias de Julio Favre, que não queria ceder á Allemanha um palmo sequer de territorio, ou abater um panno de muralha das velhas fortalezas onde tinha fluctuado como que em triumpho o estandarte tricolor.

Todas as facções politicas concorreram para darem maior solemnidade á festa, que não era de um partido, porque tinha em si o caracteristico de uma poderosa e sympathica nacionalidade. E no concurso immenso de cidadãos congregados para prestar homenagem aos altos feitos do homem que fôra grande entre os vultos mais distinctos do seu tempo, ninguem faltou á festa, antes todas as parcialidades rivalisaram em se acercarem do monumento, que exprimia a gratidão dos contemporaneos e que era como que a consagração do prestigio enorme que aureolava o varão illustre que a França levantava nos escudos da sua dedicação e do seu patriotismo.

E vem isto a proposito do que lemos ha dias n'uma folha politica ácerca das cousas d'Aveiro, attribuindo-se alli ao filho de José Estevam um passo, que nós ignoramos se s. ex.ª deu, ou se lh'o attribuem apenas para armar ao effeito, os que se jactam de terem força bastante para vencerem todas as emprezas em que se mettem, não escrupulisando nos meios, tendo só em vista a vaidade que lhes inspira os maiores absurdos.

Conta-se assim o caso:—que o filho do grande tribuno se apresentára em Lisboa, a fim de advogar junto do governo a expulsão das irmãs hospitaleiras do hospital civil d'Aveiro, para que possa ser inaugurada a estatua de seu pae. Mas quem se oppõe á inauguração do monumento devido aos serviços relevantes de José Estevam? Consta-nos apenas que a idéa partiu de uns larvados, que suppozeram ser a injuria e a calumnia as armas de mais fina tempera para ferir o adversario, evitando a discussão séria, e recorrendo á invectiva no intuito de sujar os outros com a vasa em que se revolvem como possessos.

Comtudo não podemos acreditar que um rapaz do seu tempo, como é o filho de José Estevam, abraçasse opiniões que lhe mareariam os creditos de homem liberal, tentando dar força á insensatez, que procura affastar grande numero de individuos do cortejo civico, que deve agrupar-se em volta do monumento como demonstração unanime da cidade, que foi berço do heroe, e onde elle dorme o seu ultimo somno. Importaria o caso uma tal aberração, que nos custa a convencer se tivesse realisado, ou mesmo concebido. Pois que! haveria alguem tão descrido do espirito da epoca em que vivemos, que ousasse pedir a expulsão de tres mulheres em serviço no hospital da Santa Casa, allegando para isso que a sua presença era uma offensa aos creditos do eminente orador, e um ataque á liberdade legal? Quem se prestaria a crer sincera semelhante invocação? Quem levaria a longamidade a ponto de confirmar a excepção, que se tornava odiosa por ser singular?

Fazemos melhor conceito dos talentos do homem, que ahi quizeram amesquinhar pondo-o ao serviço de paixões ignobeis e altamente inconvenientes aos legitimos interesses sociaes. Por que a festa da inauguração não é d'este ou d'aquelle grupo, porque deve ser a expressão da vontade de todos elles, que não regatearam o seu obulo, antes se prestaram a contribuir bizarramente para o monumento que Aveiro vae ter na praça publica.

Se quizessem tornar a funcção exclusiva de uma parcialidade, o facto a que nos referimos bastaria para o conseguir. Limitar-se-ia então a solemnidade a apanagio de poucos, porque os que se reputassem offendidos com o exclusivismo faccioso, retrair-se-iam, aceitando d'este modo o repto que irreflectidamente lhes tinham lançado.

E' por esta rasão que nos repugna acreditar, que o filho d'aquelle varão abalisado praticasse o acto que se lhe attribue, e que além de exprimir ingratidão, sempre feia, significaria tambem um passo errado e impolitico, affastando para fóra da linha de respeito muitos cidadãos que estão dispostos a concorrer ao acto inaugural, tornando-o mais luzido, por exprimir a unanimidade de opiniões. E se isto vale pelo que representa, parece-nos que melhor andariam os farricocos da intolerancia em lembrar, que se esquecessem agravos, se é que ainda existem, ou preconceitos, que nunca deviam ter existido, para que o acto fosse tão solemne e aparatoso, como nunca tivesse havido outro no paiz. Porque é uma desgraça o ver assim rebaixada uma questão d'aquelle tomo, só porque gente obsecada e ferina concebeu arcar com a moralidade e com a lei, para lisongear as suas velleidades, supondo que a vozeria descomposta suplantará a razão e a justiça.

Tenham em mais alguma conta a consciencia publica, e não imaginem que o destino das nações se dirige com o vozear das paixões que não honram a Deus, nem a patria, nem a liberdade.

CAMBALHOTAS DE MAMBRINO

E esta! pois não deu em doido o solitario do Cojo? Como visse que os seus arrevesados algarismos já não produziam effeito, e que tudo se desfez como bola de sabão, pergunta todo ancho:

«Então como havendo menos doentes militares, houve a mais 278 dias de tratamento?»

Nós já aqui lh'o dissemos. Não entram só militares no hospital; entram para lá para se tratarem todos os individuos reconhecidamente pobres e sem doença chronica, que requerem a admissão. E d'estes houve no corrente anno notavel affluencia. Ora quanto a haver maior numero de dias de tratamento, parece que o homem está hospede no assumpto, sem embargo de ser medico. Pois não allega, que o facto em si prova contra o regimen da casa, demorando-se mais os doentes por culpa das enfermeiras? Que lhes parece a endromina d'este Pansa, que já não sabe como ha de atrapalhar a questão?

Ora quem dá a alta aos enfermos e quem lhes fiscalisa o tratamento, não serão os medicos? E tendo o hospital dois, sendo um d'elles antigo no estabelecimento, qual a rasão porque ambos são favoraveis ao regimen actual, e ainda não dirigiram sequer uma unica queixa ácerca do objecto, que o do Cojo pretende agora tratar sob outro ponto de vista?

Quem não pode trapaceia. O homem entupiu ao ver que havendo 278 dias a mais de tratamento em 1887-88, a despeza diminuira 330$000 réis só nas dietas. Bem sabemos que os factos condemnam Mambrino e os seus sequazes. Mas tenha paciencia, e bem assim juizo. Olhem que o publico conhece já os embustes dos detractores da meza administrativa, que nunca fizeram nada, e que procuraram glosar as contas, sabendo que ellas eram, são e serão a sua maior condemnação.

Agora venha Mambrino com novos exercicios de percha, invente, falsifique, diga cousas do arco da velha. O publico já o conhece, e por mais cabriolas que o homem dê, creia que não consegue destruir a excellente impressão que as contas e a mensagem produziram no animo da gente séria, que sabia que o hospital era a caverna de Caco, sendo victima das explorações dos enfermeiros, e dos que com elles suciavam.

Era preciso extirpar o cancro. Bem sabemos que a operação, sendo dolorosa, havia de levantar clamores. Mas agora a cura parece certa; e não é a expeculação, que ha-de resuscitar outra vez as podridões que eram a prova provada do abandono em que estava o hospital, que era tratado como roupa de francezes.

RETRACTAÇÃO

No processo de policia correccional intentado pelo sr. visconde de Valdemouro contra o sr. dr. José Paes dos Santos Graça, por o crime de abuso de liberdade de imprensa, lê-se um termo de composição e bem assim a sentença proferida pelo digno juiz de direito da comarca, o que tudo é do theor seguinte:

TERMO DE COMPOSIÇÃO

Em vinte e oito de julho de mil oito centos oitenta e oito, n'esta cidade d'Aveiro e no meu cartorio compareceram o auctor visconde de Valdemouro, solteiro, maior, proprietario, e o réo doutor José Paes dos Santos Graça, casado, medico, ambos de Vagos, conhecidos de mim escrivão pelos proprios, de que dou fé. E por elles foi dito que se achavam compostos nos termos seguintes:—Declarou o réo José Paes dos Santos Graça cathegoricamente que nenhuma das expressões injuriosas ou que, como taes, se suppunham do artigo escripto e firmado com o seu nome e publicado nas columnas quarta e quinta da primeira pagina do numero mil quinhentos quarenta e nove de dez de fevereiro do anno proximo passado do jornal *Districto d'Aveiro*, foi escripta por elle réo com intenção de se dirigir ao auctor, o visconde de Valdemouro, e muito menos d'injuriar ou melindrar o mesmo visconde na sua honra e consideração; mas que, quando porventura se podesse entender que ha n'esse artigo qualquer offensa ou injuria dirigida ao auctor, elle réo retira expressamente, não só todas essas expressões, mas tambem quaesquer outras affirmações offensivas que ao auctor tenha dirigido, pois declara tambem cathegoricamente que n'esse caso eram falsas, que o auctor as não merece, e que o considera como homem d'inteira honestidade e cavalheirismo. Mais declarou que se obriga a pagar todas as custas do processo, e bem assim a fazer publicar este termo e respectiva sentença, em um dos primeiros quatro numeros que se publicarem do dito jornal.

E pelo auctor foi dito que acceita a composição nos termos expostos. Assim disseram e assignaram com as testemunhas presentes Manuel de Lemos Junior e José Emilio Ferreira da Costa, ambos casados, barbeiros, d'esta cidade, depois de tudo lido por mim Antonio Dias da Silva, escrivão interino que o escrevi e assigno.—Visconde de Valdemouro—José Paes dos Santos Graça—Manuel de Lemos Junior—José Emilio Ferreira da Costa—Antonio Dias da Silva.

SENTENÇA

Julgo por sentença para os effeitos legaes a transacção constante do termo de folhas quarenta e duas verso e folhas quarenta e tres verso, entre o visconde de Valdemouro e o bacharel José Paes dos Santos Graça; e para que se cumpra lhe interponho minha auctoridade e judicial decreto, e custas na fórma do mesmo termo. Intime-se. Aveiro; um de agosto de mil oito centos oitenta e oito.—Alexandre Maria de Sousa Cortezão.

Como se vê o sr. dr. José Paes retirou todas as palavras que podessem ser offensivas do caracter do nosso distincto amigo e correligionario, o sr. visconde de Valdemouro, declarando que o reputava um digno cavalheiro, e a esta retractação, correspondeu nobremente o offendido, acceitando a reparação que lhe era dada tão solemnemente e por um modo que poz em relevo as suas excellentes qualidades pessoaes.

Foi um assignalado triumpho o que s. ex.ª alcançou, pelo que sinceramente o felicitamos.

NOTICIAS LOCAES

Agradecimento. — Aos nossos presados collegas da imprensa, que se dignaram transcrever o artigo editorial do nosso n.º passado, enviamos a expressão do nosso sincero reconhecimento.

Notas da carteira.—Acha-se de visita n'esta cidade com sua ex.ma familia o sr. dr. Julio Henriques, digno director do jardim botanico de Coimbra.

— Está em Eixo o sr. conselheiro Manuel Joaquim d'Almeida, antigo governador civil do districto de Faro. S. ex.ª tenciona ali demorar-se alguns dias, regressando depois á sua casa de Faro.

— Completou hontem um anno, o filhinho do nosso amigo sr. dr. Pereira da Cruz, de nome Adriano. Muitos sinceros parabens aos extremosos paes.

Missa.—A digna officialidade do regimento de cavallaria 10 mandou dizer uma, para suffragar a alma do seu defuncto coronel, sr. Antonio Corrêa, hontem de manhã, na egreja do Coração de Jesus, a que assistiu a familia dorida, muitos convidados e senhoras, e a força disponivel do mesmo regimento.

Funeral.—Apoz um doloroso e prolongado soffrimento da terrivel tubercolose, succumbiu n'esta cidade o sr. Eduardo de Fontes Ala, estudioso alumno do lyceu, e filho do nosso amigo, o sr. Joaquim Maria Ala, conceituado pharmaceutico, estabelecido na praça do Commercio, a quem acompanhâmos no seu justissimo lucto. Ao funeral do joven extincto concorreram muitos amigos e condiscipulos, um dos quaes exalçou os seus merecimentos em phrases sentimentaes; e o talentoso academico, e nosso amigo, o sr. Cunha e Costa recitou um aprimorada discurso. A commoção em todos os assistentes era profunda. Levava a chave do athaude o sr. tenente Ferreira, que teve uma atrahente sympathia pelo desventurado mancebo.

Ao sr. Ala e a toda a sua familia enviamos d'aqui expressões de verdadeira condolencia.

Fallecimento.—Falleceu ante-hontem na sua casa de S. Bernardo o sr. Antonio Ferreira Canha, proprietario e lavrador—homem d'uma só fé, caracter rigido, afeito ás luctas em presença das quaes não tremeu nunca. Foi muito trabalhador, muito activo e educou seus filhos nos verdadeiros principios religiosos e sociaes, finando-se cercado das caricias e dos cuidados de todos elles.

Não viveu porém sem desgostos, porque os teve e graves, mas finou-se n'uma edade avançada, com cerca de 80 annos, e com a paz d'espirito que é, na terra, o premio dos bons.

O seu enterro foi concorrido de todos os seus visinhos e de muitas pessoas da cidade, e n'isso mesmo está a prova de que era estimado e considerado.

A seus filhos, nossos amigos, enviamos d'aqui a expressão do nosso sentimento—que é sincero e profundo como foi sempre sincera e profunda a amisade que tributamos ao que Deus chamou a si.

Reunião e eleições.—Reuniu ha dias a associação aveirense de soccorros mutuos das classes laboriosas, a fim de tomar contas á direcção, e de eleger os corpos gerentes. O relatorio e contas foram approvados unanimemente, sendo eleitos para os differentes cargos os seguintes associados:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente—J. E. d'Almeida Vilhena.

Vice-presidente—Manuel Marques d'Almeida.

1.º secretario—João Pereira Pinheiro.

2.º *dito*—Francisco Ferreira da Maia.

DIRECÇÃO

Presidente—Antonio Augusto de Moraes e Silva.

Vice-presidente—Antonio de Deus Marques.

Thesoureiro—Joaquim Ferreira da Costa.

Secretario—Antonio Baptista dos Santos.

Vogaes.—Francisco d'Assis Pacheco e Moita, João Pedro Ferreira, Miguel dos Santos Gamellas, José Maria dos Santos Gamellas, Francisco da Costa e Manuel Maria Augusto dos Santos.

COMISSÃO FISCAL

Francisco de Pinho Guedes Pinto, Antonio da Costa Azevedo, Francisco José de Carvalho e José Pereira de Pinho Junior.

Senhora da Boa-Morte.—Hoje festeja-se no templo d'Apresentação, a Virgem d'aquella invocação no seu altar respectivo, que está lindamente engalanado. Esta devoção é promovida pelo digno parocho e nosso prestante amigo, o revd.º sr. Manuel Ferreira Pinto de Sousa, e a expensas de alguns fieis.

Senhora das Neves.—Com uma concorrencia extraordinaria verificou-se no sabbado (4) em Angeja a ruidosa vespera em honra da padroeira, Nossa Senhora das Neves. Uma deslumbrante illuminação veneziana na rua fronteira á egreja e no largo, onde havia dois coretos, em que as excellentes phylarmonicas d'Albergaria e d'Ilhavo disputáram primazias na execução de seus variados reportorios, com applauso dos assistentes. Dizia-se que haveria desordens, por causa das *muzicas*, mas a presença do sr. commissario de policia, acompanhado d'alguns dos seus subordinados e de soldados de cavallaria 10, fizeram com que tudo corresse na melhor ordem.

Sahiu a classica *cavalhada*, fazendo o precurso costumado, e queimou-se muito e vistoso fogo d'artificio.

No domingo teve logar a festividade, havendo missa solemne e dois sermões, sendo um prégado pelo distincto orador, o sr. dr. João Fernandes Dias, capellão do regimento de infanteria n.º 18, que, n'um formoso e eloquente improviso, teceu o panegirico da Virgem das Neves. Em seguida sahiu a procissão, que ia numerosa de irmãos, com muitas cruzes e anjinhos, sendo o andor da Virgem acompanhado por algumas pessoas *amortalhadas*, em razão de votos. No prestito iam as duas phylarmonicas. Atraz do palio seguia o nosso amigo, e distincto correligionario, o sr. Antonio Augusto de Paula Quaresma, juiz da irmandade, a quem se deve em grande parte o brilhantissimo da solemnidade.

Junta de inspecção.—*Sessão do dia 8.—1.ª junta.*—Inspeccionou 50 mancebos. Approvou 30, isentou 14, temporisou 5 e mandou 1 para o hospital.

2.ª *junta.*—Inspeccionou 17. Approvou 12, isentou 4 e temporisou 1. Faltaram 3.

Sessão do dia 9.—1.ª junta.—Inspeccionou 32. Approvou 19, isentou 7 e temporisou 6.

2.ª *junta.*—Inspeccionou 49. Approvou 33, isentou 6, para observação 3 e temporisou 7. Faltou 1.

Sessão do dia 10.—1.ª junta.—Inspeccionou 41. Approvou 31, isentou 4 e temporisou 6. Faltaram 3.

2.ª *junta.*—Inspeccionou 64. Approvou 53, isentou 3, temporisou 6 e mandou 2 para a observação.

Sessão do dia 11—1.ª junta.—Inspeccionou 46. Approvou 38, isentou 5, para a observação 1 e temporisou 2.

2.ª *junta.*—Inspeccionou 48. Approvou 30, isentou 9, temporisou 8 e mandou para a observação 1.

Sessão do dia 13—1.ª junta.—Inspeccionou 47. Approvou 35, isentou 4, temporisou 6 e mandou para a observação 2.

2ª. *junta.*—Inspeccionou 48. Approvou 27, isentou 14, temporisou 4 e mandou para o hospital 2.

Sessão do dia 14—1.ª junta.—Inspeccionou 37. Approvou 24, isentou 7, mandou em observação 2 e temporisou 4.

2.ª *junta.*—Inspeccionou 66. Approvou 47, isentou 10, mandou para o hospital 3 e temporisou 6.

Boa caçada. — Alguns amadores da caça d'esta cidade e seus arredores foram ha dias á Gafanha a uma caçada, matando 45 coelhos!

Trabalho no mar. — Na segunda-feira não houve trabalho por que o mar o não permittiu. Hontem trabalharam, mas com pouco resultado. A pesca foi sardinha, mas pouca, obtendo por isso no mercado o preço de 1$600 reis.

Hoje o mar é bom e apesar de ser dia sanctificado ha trabalho em algumas costas. Não o haveria se o mar tivesse sido mais productivo. Como não ha sardinha nas louças, como a que se pesca não chega para o consumo diario—como a offerta não chega para o pedido—os pobres pescadores não perdem occasião de trabalhar: exige-o de si a necessidade da triste vida que arrastam.

Sal.—O tempo continúa bom para a colheita d'este genero. Os montes crescem todos os dias e alvejam agradavelmente nas eiras em que se lança. O preço continúa a ser de reis 20:000 o antigo barco ou a medida de 15.000 litros.

Milho novo.—Como o tempo está abreviando muito as séccas, dentro de pouco haverá milho novo, o que fará com que o preço actual baixe sensivelmente.

Chronica das praias.—Espinho, que é a primeira praia de banhos d'este districto, já recebeu a primeira colonia balnear, que lhe dá extraordinaria vida e animação pela vivacidade dos concorrentes hespanhoes. A casa da assembleia, que foi reformada, já funcciona regularmente, e promette grande movimento em toda a época.

— Na Barra já estão algumas familias d'esta cidade.

— Na Torreira, S. Jacintho e Costa Nova o movimento dos banhistas só começa no principio de setembro.

DIREITO DE PETIÇÃO

Continuamos a publicar os nomes dos signatarios da representação dirigida ao chefe do Estado, pedindo a conservação das irmãs hospitaleiras no hospital civil d'Aveiro.

Condessa de Penha Longa.

Padre Francisco da Costa Junior, professor de instrucção secundaria.

Padre Manuel Rodrigues Vieira, professor de instrucção secundaria.

Gonçalo Calheiros Pitta de Noronha, proprietario.

D. Casimira Augusta Mascarenhas Bandeira da Gama, proprietaria.

D. Maria Mascarenhas Calheiros Pitta de Noronha.

D. Maria Deolinda Ribeiro da Rocha.

D. Virginia A. Rocha.

Antonio Francisco da Rocha, presidente da junta de parochia, proprietario e maior contribuinte.

Manuel dos Santos Alexandre, artista.

Manuel José Ferreira, proprietario e lavrador.

José Cypriano Martins, proprietario.

José Francisco da Rocha, lavrador.

José Lopes Clemente, proprietario e lavrador.

José Simões Miranda, proprietario e lavrador.

Zacharias Rodrigues de Souza, proprietario.

Manuel Pereira, lavrador.

Augusto Simões de Miranda, proprietario.

Francisco Domingos Nunes, proprietario.

José Francisco Ramalho, artista.

Antonio Francisco Ramalho, artista.

Padre José Maria Vaz Pereira e Cirne.
Joaquim Maria de Quadros Côrte-Real.
Joaquim Soares da Cunha, proprietario.
João Pacheco Godinho de Castro Côrte-Real, proprietario e tabellião.
D. Maria Leopoldina Saraiva Pereira de Mello.
D. Joaquina Saraiva Sampaio de Mello.
Manuel Joaquim da Fonseca Guerra, proprietario.
Antonio Bernardino Tavares, proprietario.
Manuel José de Mattos, proprietario.
Manuel Pereira d'Azevedo, proprietario.
Caetano da Silva Saramago, negociante.
João Maria d'Oliveira, artista.
Narciso da Silva Nunes, proprietario.
José Antonio Gaspar, proprietario.
Antonio Fortunato de Quadros Côrte-Real, proprietario.
Padre João de Souza Reis Cerqueira.
Filippe da Costa Mortagua, proprietario.
João da Silva de Mattos, lavrador.
Joaquim José Pereira Magina, ferrador.
Manuel Augusto da Silva Junior, estudante.
José Maria da Silva Henriques, artista.
Manuel Pereira, artista.
D. Margarida Emilia de Carvalho.
Antonio José Cruz, lavrador.
Manuel José Dias, artista.
José Rodrigues, artista.
Domingos Dias Pires, lavrador.
José Carvalho da Silva, artista.
José Rodrigues da Cruz, proprietario.
Manuel d'Oliveira Martins, lavrador.
Antonio d'Aguiar, proprietario.
José Maria Valente de Rezende, proprietario.
Antonio Marques Alegria, lavrador.
Padre Antonio da Silva Nunes.
Manuel José Pereira da Silva Saldanha, proprietario.
Bento Tavares da Silva, proprietario.
Manuel José Pereira de Pinho, proprietario.
D. Thereza Augusta da Silva, proprietaria.
D. Maria Augusta Guimarães, proprietaria.
D. Thereza Augusta da Silva Guimarães, proprietaria.
D. Anna Augusta da Silva Guimarães, proprietaria.
Manuel Maria Fernandes Guimarães, proprietario.
Manuel da Silva Henriques, proprietario.
José Pereira Valente, proprietario.
João Leite da Silva, proprietario.
Antonio da Silva Valente, negociante.
D. Emilia Pereira da Silva.
D. Amelia Augusta do Rosario e Costa.
Anna de Jezus.
D. Maria Roza de Jezus Baptista.
Antonio José da Fonseca, proprietario.
Antonio Joaquim de Mattos Nunes, proprietario.
José Joaquim dos Reis, proprietario.
Manuel José da Cunha de Rezende, lavrador.
José Maria da Silva Tavares, proprietario.
Custodio José de Pinho, proprietario.
Domingos de Pinho Chibante, artista.
Joaquim José Pereira de Pinho, proprietario.
Manuel José Pereira, artista.
Antonio José Valente de Mattos, proprietario.
Manuel d'Oliveira Martins Silva, proprietario.
Manuel Duarte Pereira, proprietario.
Manuel d'Oliveira Reis, proprietario.
Manuel José Marques d'Oliveira, proprietario.
Manuel José Lopes da Silva, proprietario.
Manuel Rodrigues, proprietario.
Joaquim Antão Pereira, proprietario.
Antonio José Pires de Rezende, proprietario.
Antonio José Valente, proprietario.
José da Silva Vaz Larangeira, proprietario.
Manuel José Duarte, proprietario.
Joaquim José da Fonseca, proprietario.
Antonio Maria da Silva Graça, proprietario.
Antonio da Silva Borges, proprietario.
Francisco José d'Oliveira, proprietario.
José da Fonseca, proprietario.
Manuel d'Aguiar, lavrador.
Manuel da Silva Larangeira, proprietario.
Seraphim da Cunha Leal, negociante.
D. Maria Delphina Ferreira Leal.
D. Laura Augusta Ferreira Leal.
D. Maria do Carmo Ferreira Leal.
Antonio José Caetano Pereira, operario.
Manuel da Silva Borges, artista.
Manuel Augusto da Silva, artista.
Antonio Tavares d'Oliveira, prior de Sagadães.
Antonio Gaspar, presidente da junta de parochia.
João Gomes Conduto, proprietario.
José Henriques Antonio Luiz, proprietario.
Antonio Alves, proprietario.
José Henriques Martins, proprietario.
Antonio d'Oliveira Martins, proprietario.
João d'Oliveira Martins, proprietario.
José Caetano Pereira, negociante.
Seraphim da Silva, proprietario.
José dos Santos d'Oliveira, lavrador.
Antonio d'Oliveira Quinta Junior, proprietario.
João Martins, proprietario e regedor de parochia.
José Gomes dos Reis, proprietario.
João Henriques Limas, proprietario.
José Venancio Alves, proprietario.
José Martins, lavrador.
Antonio d'Oliveira Quinta, proprietario.
Patricio Antonio Luiz, proprietario.
José Martins Junior, lavrador.
Manuel d'Oliveira, proprietario.
Antonio Martins, proprietario.
José Joaqnim de Bastos, proprietario.
José Antonio dos Santos, proprietario.
Antonio d'Oliveira Estanislau, proprietario.
Antonio Gomes, proprietario.
José Alves, proprietario.
D. Luciana Augusta da Silva Ribeiro, proprietaria.
D. Anna Carolina da Silva Ribeiro, proprietaria.
D. Maria Carolina d'Araujo e Mello, proprietaria.
D. Adriana Eduarda d'Araujo Ribeiro e Castro, proprietaria.
D. Maria Carolina Barbosa de Quadros e Mello, proprietaria.
D. Maria Margarida da Veiga Cabral Bellesa, proprietaria.
D. Maria Francisca Bellesa de Veiga Cabral, porprietaria.
João Antonio dos Santos Pato, Prior e Vigario da Vara.
Sebastião Maria de Quadros Corte Real, escrivão e tabellião.
José Antonio Gomes dos Santos, medico.
João da Silva Ribeiro, proprietario e professor publico.
João Evangelista de Sá Pereira de Mello, proprietario e quarenta maior contribuinte.
Manuel Marques Ribeiro, proprietario.
José Alves Martins, commerciante.
Francisco Martins, commerciante.
João Alves Ramalho, sapateiro.
Padre José Soares da Costa, proprietario e pharmaceutico.
Jayme Nunes, alfaite.
Francisco Antonio Soares, operario.
José Maria Soares, proprietario.
José Caetano Pires, lavrador.
Anton o Joaquim Martins, carteiro.
João Pereira, proprietario.
Manuel Antonio, lavrador.
Manuel Pires Soares, operario.
Padre Francisco Joaquim Pinto, proprietario.
José Bento, operario.
Manuel Marques dos Santos, lavrador.
José Henriques Nunes, pedreiro.
José Caetano dos Santos Ribeiro, propritario.
Joaquim da Costa Rego, operario.
Bernardo Martins, lavrador.
João Rodrigues de Sá, serrador.
Padre Manuel da Silva Nunes, coadjuctor.
Manuel Rodrigues de Sá Junior, artista.
Antonio Vaz d'Assumpção, artista.
Manuel da Silva Violante, lavrador.
Olimpia da Conceição, proprietaria.
Antonio Pereira Murça, jornaleiro,
Manuel José da Cruz, artista.
Manuel da Silva Ribeiro, proprietario.
D. Venancia Augusta Ferreira da Conceição, proprietaria.
Antonio d'Oliveira Tavares, carpinteiro.
Albino Dias dos Santos, trabalhor.
Pedro Martins, lavrador.
D. Benilde dos Santos Madail, proprietaria.
Manuel Henriques da Silva, proprietario.
Manuel Antonio Pinto, operario.
Francisco Henriques da Silva, commerciante.
José Maria Henriques, caixeiro.
D. Luciana de Mattos Arede, proprietaria.
D. Innocencia de Mattos Arede, proprietaria.
Joaquim Pinto de Vilhena, proprietario.
Manuel Joaquim da Silva, proprietario.
Manuel Alves Ramalho, proprietario.
Vicente Nunes, lavrador.
João Marques Ribeiro, proprietario
João da Silva, operario.
D. Joaquina da Conceição Nogueira Malafaia, proprietaria.
D. Maria José Nogueira Malafaia, proprietaria.
Padre Luiz Barbosa de Quadros, proprietario.
Manuel Rafael da Silva, lavrador.
Antonio Candido de Mattos Arede, lavrador.
Manuel Rodrigues da Silva, carpinteiro.
Manuel Caetano d'Andrade, lavrador.
Manuel Joaquim Henriques, operario.
Joaquim José Alves, carpinteiro.
David Soares Murça, lavrador.
Raymundo de Paiva, operario.
Raul Baptista, jornaleiro.
João Soares Murça, lavrador.
Adelino Soares Murça, lavrador.
D. Emilia Rosa d'Almeida Quintina.
D. Maria Magdalena d'Almeida Quintina.
Antonio Pedro da Silva, carpinteiro.
Antonio Marques dos Santos, alfaiate.
Manuel Marques dos Santoe, alfaiate.
Augusto Alves Ramalho, sapateiro.
Maria Emilia d'Oliveira Magalhães, costureira.
Clemente Rodrigues de Sá, carpinteiro.
Rosa Maria da Silva, operaria.
José Marques Ribeiro, carpinteiro.
Joaquim Vaz, jornaleiro.
Abilio Henriques da Silva, lavrador.
Antonio Joaquim de Assumpção proprietario.
Adriano Vieira da Maia, proprietario.
José Simões da Costa, proprietario.
Joaquim Francisco Rasga, lavrador.
Antonio dos Santos Mello, artista.
José Rodrigues Martins, proprietario.
Antonio Marques Moura, lavrador.
Manuel Simões da Maia, lavrador.
Manuel Simões da Maia Junior, lavrador.
Antonio Vieira da Maia, lavrador.
Antonio Pinto Rangel, proprietario.
Agostinho Alves, proprietario.
José Simões Maia, proprietario.
Joaquim Marques Nunes, proprietario.
Joaquim Simões da Maia, proprietario.
D. Maria Amelia Sucena.
Albano Ferreira da Silva, proprietario.
Joaquim Antonio Canario, artista.
Joaquim Simões da Veiga, artista.
D. Maria Joaquina de Seabra.
Augusto Francisco Rasga, lavrador.
Antonio Joaquim da Fonseca, lavrador.
José Antunes da Silva, proprietario.
João Henriques Quinta, lavrador.
Antonio Seabra da Motta, parocho encommendado.

(Continúa.)

O CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

VII

Motivos ponderosos nos obrigaram a interromper, por algum tempo, as nossas considerações ácerca do caminho de ferro do Valle do Vouga.

Com isso nada tem perdido os leitores, porque o espaço que, n'este jornal, ellas poderiam preencher, terá sido preenchido por escriptos redigidos com mais apuro, posto que os assumptos nem todos tenham sido de tão grande importancia e de tanto interesse local, como é este, de que nos temos occupado.

*

Parece-nos, que os motivos, apontados nos artigos anteriores, serão mais que sufficientes, para que Aveiro seja o porto preferido para o *terminus* do caminho de ferro do Valle do Vouga.

Mister, porém, será apresentar mais alguns argumentos, que reforcem as nossas asserções e com elles desfazer algumas duvidas, que possam apresentar-se.

Nós entendemos, que, chegando este caminho de ferro ao ponto, até o qual está estudado, (isto é, até á freguezia de Macinhata do Vouga), poderá continuar até um pouco ao Sul de Albergaria-a-Velha e ali ter uma estação.

Depois deverá seguir até ao sul de Angeja, e ter outra estação, pouco mais ou menos, entre Frossos e S. João de Loure, (margem direita do Vouga).

D'aquelle local uma ponte atravessaria o Vouga, para a margem esquerda. Parece-nos preferivel este sitio, tanto porque ali o rio não é muito largo, como por ser mais proximo da confluencia do Agueda com o Vouga.

E, por este motivo, muito aproveitavel tambem se tornaria este caminho de ferro aos povos, que vivem nas margens do *Agueda* e, em geral, aos de muitas freguezias do concelho, que do mesmo rio tomou o nome.

*

Ainda outro argumento apresentaremos. Visto que entre nós, á immitação dos paizes mais civilisados, vae tomando grande incremento a viação accelerada, e das suas vantagens muitas localidades desejam gozar, não será erro acreditarmos, que, mais tarde ou mais cedo, um novo caminho de ferro, ainda que de via reduzida, ligue a villa d'Agueda com a de Tondella, o que seria de summa conveniencia para os districtos d'Aveiro e Vizeu.

Se tal acontecer, não deverá, por certo, esse caminho de ferro terminar em Agueda, mas sim, directa ou indirectamente, seguir até Aveiro. E, para isso, já póde servir-lhe esta parte do *caminho de ferro do Valle do Vouga*, com o qual póde entroncar-se ou na estação, que deve ficar entre Frossos e S. João de Loure, ou n'outro qualquer ponto, que fique entre o d'esta mesma estação e Eixo, ou proximidades de Eixo, onde deverá haver uma outra estação ou, pelo menos, um *apeadeiro*.

*

Parece-nos, que este traçado deve ser preferivel a outro qualquer. Não é elle o mais longo; evitará maior numero de extensas pontes, fugirá de sitios pantanosos e, o que é muito para attender, desviando-se de montanhas, seguirá por terrenos quasi sempre planos. Tambem nos parece, que, seguindo este traçado, poderá o caminho de ferro ter maior numero de estações e em localidades, que, gozando assim das vantagens da viação accelerada, darão maior proveito á respectiva empreza e ao governo.

*

Os povos dos concelhos de S. Pedro do Sul e Vouzella desejarão, por certo, que de preferencia o caminho de ferro do Valle do Vouga tenha em Aveiro o seu *terminus*.

E isto nos parece muito natural, porque alguns proprietarios e negociantes d'aquelles concelhos tem importantes transacções commerciaes com individuos dos concelhos de Aveiro e Ilhavo.

E, quando para estes remettem alguns generos, preferem mandal-os directamente pela estrada de Aveiro a Vizeu, e não por Estarreja, especialmente se tem de enviar, pelo caminho de ferro do Porto a Lisboa, algumas mercadorias para o sul do reino, pois, vindo ellas directamente para a estação d'Aveiro, resulta-lhes a economia do tempo e da paga do transporte desde Estarreja até aqui.

Pagam, pois, unicamente o transporte desde a estação d'Aveiro até á estação, a que se destinam essas mercadorias, e menos pagam, se ellas se destinam directa e unicamente a Aveiro ou a qualquer das localidades limitrophes, porque então só ha a despeza com os carreiros, que até aqui as conduzem. E, tendo o caminho de ferro do Valle do Vouga o seu *terminus* em Aveiro, ha, para taes negociantes e proprietarios, unicamente a despeza da remessa das mercadorias até aqui; e, para as que se destinarem ao sul do reino, terão despezas identicas ás que tem actualmente.

VIII

Não pareça uma utopia ou simplesmente o effeito de imaginação phantasiosa, o ter de existir, ainda que não muito brevemente, um caminho de ferro, que ligue a villa de Tondella com a de Agueda e mais tarde com a linha do Valle do Vouga. Expliquemos-nos.

Como é sabido, acha-se em construcção o caminho de ferro (de via reduzida) de Santa Comba-Dão a Vizeu.

Este caminho de ferro terá, além d'outras, uma estação na Villa de Tondella e uma no logar do Coiço, freguezia de Mouraz, d'aquelle concelho.

Não póde negar-se, que os concelhos de Aveiro, Agueda, Albergaria a Velha e Ilhavo, teem grandes transacções commerciaes com o concelho de Tondella e especialmente com as freguezias de Mouraz e com as que lhe ficam proximas: Lobão, Lagiosa e Tonda; e Villa Pouca e Villa Nova da Rainha (já do concelho de Santa Comba-Dão), e ainda com outras.

Essas transacções commerciaes, que consistem principialmente em vinhos, azeite e gados, ou terão de continuar, no futuro, a fazer-se por estradas de *macdam* e (em parte) por a via fluvial, ou se tiverem de ser feitas pela via accelarada, terão as mercadorias de percorrer a linha férrea de Tondella a Santa Comba-Dão, onde terão de haver transbordos para a linha-ferrea da Beira Alta, e d'alli seguir para a Pampilhosa, d'onde, depois de novo transbordo, seguirão para Aveiro, e d'aqui para Agueda. O mesmo, em sentido contrario succederá com as mercadorias, que de Agueda tiverem de seguir para os concelhos de Tondella e Vizeu.

Tem, pois, essas mercadorias de seguir por um caminho tortuoso, cheio de curvas, quasi um irregular arco de elypse. Desculpem-nos os leitores a falta de rigor geometrico, mas não nos occorre outra maneira de nos exprimirmos.

*

Como dissemos, a ideia de um caminho de ferro, que, no futuro, ligue Agueda com Tondella, não é puro effeito da nosso phantasia.

Tendo, ainda ha pouco, visitado a Villa de Tondella, fallámos ali com alguns individuos, ácerca do caminho de ferro, de via reduzida, de Santa Comba-Dão a Vizeu.

Entre esses individuos, com quem tivemos o prazer de fallar, houve quem apresentasse a ideia, de que seria de grande vantagem, no futuro, um caminho de ferro (ainda que tambem de via reduzida), que, partindo de Tondella, terminasse em Agueda. Ficaria assim esta villa ligada com Vizeu, visto que esse caminho de ferro podia ter o seu entroncamento na estação de Tondella!

Nós accrescentaremos, pois, a essa ideia a da continuação da mesma *linha* a entroncar no caminho de ferro do Valle do Vouga, ligando assim Aveiro com Agueda, Tondella e Vizeu, por meio da viação accelerada.

*

Alguem poderá dizer-nos, que essa obra não se fará nos nossos dias ou se fará tão tarde, que será escusado pensar n'isso por em quanto e que, por esse motivo, não será mister, que, no traçado do caminho de ferro do Valle do Vouga, se tenha em vista o de que fallámos.

Não nos conformamos com taes asserções e, ainda que não tratassemos da defeza dos interesses da nossa terra, não deixariamos de dizer com franqueza, que nem os poderes publicos nem os individuos technicos, encarregados do estudo do caminho de ferro do Valle do Vouga, devem deixar de ter em vista esta ideia e, por assim dizer, de preparar o terreno, para mais tarde se aproveitar uma parte d'esta linha, para servir de complemento á outra.

Não convém, pois, desvial-a das localidades a que, no futuro, póde servir de proveito, para o caso em questão.

*

Um bom governo não deve só olhar para os interesses dos subditos, que existem na actualidade. Deve tambem ter em vista os interesses das gerações futuras e por isso deve ir, de antemão, prevenindo todas as hypotheses vantajosas para esses interesses. Um bom pae trata muitas vezes de augmentar e melhorar os seus cabedaes, só para deixar uma boa herança a seus filhos. E nem sempre o bom agricultor, ao fazer vasta plantação de arvores, espera colher-lhes os pomos. Tem apenas em vista augmentar os meios de subsistencia aos seus descendentes.

O mesmo deverá fazer um governo, que deseje ter o epytheto de governo paternal e merecer, das gerações futuras, um nome honrado e justos louvores.

*

Para corroborar estas verdades, apontaremos um argumento, que muito frizante e muito a proposito nos parece. Quando em 1861 começaram os trabalhos da via férrea do Porto a Lisboa, já se fizeram alguns preparativos e já o caminho ficou com a sufficiente largura, para, a todo o tempo, haver uma grande via paralella á primeira.

Alguem achou escusados esses preparativos, entendendo, que nunca d'elles o governo teria de utilisar-se, por que nunca seria assente essa segunda via. Abriu-se este caminho de ferro em 1864, e ao principio entendeu-se, que tinha razão, quem fizera aquella affirmativa.

Agora, porém, vemos o contrario. A *segunda via* vae sendo assente, pelo menos entre alguns pontos, e ahi veremos utilisados esses trabalhos e realisada uma ideia hypothetica mais de um quarto de seculo depois de 1861! Não poderá dar-se caso identico com um caminho de ferro de Tondella a Agueda, e, d'esta villa, a entroncar no caminho de ferro do Valle do Vouga?

Se não podemos ter isso como coisa certa, podemos consideral-a como de grande probabilidade e não como de pura phantasia.

O.

CARTA DAS CALDAS DE S. JORGE

8 DE AGOSTO DE 1888.

Apoz uns dias de chuva e de impertinente frio, veio um calor quasi insuportavel. No entanto, tem elle sido util para os campos e para as pessoas, que se tem querido utilisar dos banhos de caldas. Até agora ninguem poderia fazer uzo d'elles sem o receio de apanhar uma constipação, ao regressar a casa. Felizmente acabou esse receio, muito embora haja razão para nos queixarmos do calor.

— Como dissemos na nossa carta anterior, muitas pessoas tem já d'aqui retirado. Este mez, porém, já tem chegado maior numero de banhistas. Por isso, diariamente tomam banhos mais de oitenta pessoas, de diversas classes e em tinas de diversos preços. Póde, porém, affiançar-se que o maior numero é de pessoas pouco favorecidas da fortuna, ou que, pela sua posição social, se limitam a tomar banhos de 40 reis e de 80 reis. Poucas pessoas tomam banhos de maiores preços. Por isso é de crer, que os emprezarios d'estes banhos não tirem lucros de tal contracto. Bom será, que tirem, ao menos, para as despezas. Os emprezarios arremataram este anno os banhos d'aqui por mais de 800$000 reis. Além d'isto, tem a pagar outras verbas, taes como: luzes, lenha, pequenos concertos, trabalhos de empregados e outras mais ou menos importantes. E' de crer, que, se não perderem, não tirem grandes lucros, a não ser que, durante este mez e no que vem, haja muito grande concorrencia. Não ha d'isso, porém, grandes probabilidades.

— Acham-se aqui, além de outras pessoas dignas de mensão, os srs. Antonio de Pinho Rezende, proprietario e capitalista, e sua estimavel esposa, de Nogueira do Cravo, concelho de Oliveira de Azemeis; Camillo Ferreira Regal, idem, da freguezia de Louroza, d'este concelho; José Antonio dos Santos, idem, e seus sympathicos filhos, d'esta freguezia, mas residente no Porto; a ex.ma esposa e a interessante filhinha do sr. dr. Castro, digno medico do partido de Valadares (Gaya); e outras pessoas, cujos nomes não podemos saber.

— Como prenoticiámos, teve logar no domingo a romaria de Nossa Senhora das Neves, na freguezia de S. Martinho de Argoncilhe, d'este concelho. Não foi tão concorrida, como nos annos anteriores, porque não foram ali as costumadas procissões das freguezias limitrophes.

— No domingo terá logar na egreja d'esta freguezia a festa de Santo Antonio, a expensas de alguns devotos. D'ella fallaremos na proxima correspondencia.

— Segundo nos disse o digno presidente da camara municipal d'este concelho, as paredes interiores do novo edificio das caldas, serão cobertas, até certa altura, de azulejos brancos ou tão simples, que possam obter-se por modico preço.

Isso terá a grande vantagem de ser mais duravel e mais limpo, e de evitar a necessidade de caiar-se frequentes vezes e, sobre tudo, de evitar, que alguns banhistas se *entretenham* a desenhar e a escrever, nas mesmas paredes. Alguns *desenhos*, não se tornam notaveis pelo seu primor artistico, nem tambem pela decencia e não revelam grande genio inventivo. No mesmo caso estão certos *versos*. Felizmente, os empregados do estabelecimento teem feito desapparecer d'isso, tudo o que poderia offender a decencia.

Entre os *versos*, reproduziremos os mais *dignos* de publicidade. Vão copiados textualmente. Não pódem, porém, alguns passar sem commentarios e, posto que para tanto não estejamos habilitados, não deixaremos de lh'os fazer, pedindo desculpa aos auctores de taes *producções poeticas*, se com isto os offendemos. De uma quadra, vê-se, que o seu auctor se retirava d'aqui muito descontente e tinha soffrido alguns desgostos. Descarregava toda a sua *bilis* contra os habitantes d'esta freguezia, dizendo:

Adeus gente malvada
Terra feia triste e deserta
Aqui só se póde viver
Quem tiver a bolsa aberta.

Gemeu a grammatica e a metrificação. Mas não se póde negar, que nas duas ultimas linhas está expressa uma grande verdade! Outra quadra:

Adeus Caldas de S. Jorge
Adeus aguas enxufradas
A saude bai na Mesma
as algibeiras escufadas.

Uma quadra muito similhante vimos n'um quarto e tornava-se notavel pela orthographia e pela *rhima*, que nem poderia alcançar as honras de *toante*. Era esta:

Adeus a Migo banheiro
Adeus Caldas de S. Jorge
A saude nunca xega
o dinheiro tanto fóige.

Estas quadras não são mais que parodias a uma outra, que abaixo transcrevemos, que está repetida em muitos sitios e que é a mais rigorosa na metrificação e na ortographia. Eil-a:

Adeus, Caldas de S. Jorge;
Adeus, amigo banheiro.
A saude vae na mesma
E a bolsa vae sem dinheiro.

D'este mal poucos banhistas deixarão de queixar-se, quando retiram d'esta ou d'outra qualquer estancia de banhos. Ainda assim, um, que se retirára, não foi de todo desprovido de *pecunia*, como revelou nas duas seguintes quadras:

adeus, Caldas de S. Jorge
adeus qarto da espeção
a saude bai na mesma
E a bolsa leva um tostão

chega para matar o bicho
e comprar 10 reis de pão
Se eu para o anno cá voltar
Eide empenhar a nação.

Estes *versos*, notaveis pela metrificação, e pela ortographia, são uma *terrivel* ameaça ao nosso estado financeiro e ao mesmo tempo mostram, que o seu auctor não era tão pouco previdente, que não tivesse calculado as suas despezas de modo que, no dia da partida, ficasse sem recursos.

Aos mesmos versos, emquanto á rhima, talvez se possa applicar aquella grande verdade:

«Força de consoante, a quanto obrigas!
«A dizer, que são brancas as formigas.

Outros *versos* ainda por lá estão. Se não primam pela novidade, pelo rigor metrico, pela syntaxe e pela orthographia, revelam mais sensibilidade e mais sentimentos amorosos.

Eis, pois, alguns d'elles:

Adeus quarto Da expecção
adeus bella rapaziada,
Que eu Levo no coração
a minha prenda adorada.

meu amor por ti suspiro
meu amor por ti dou ais
meu amor por ti não posso
meu amor sospirar mais.

Adeus Caldas de S. Jorge.
Adeus Lugar de Lubão
adeus querido amor
ango do meu coracão.

Adeus, Caldas de S. Jorge
onde ámar comecei
cá me fica uma piquena
por quem sempre suspirarei.

Esta ultima quadra, teve a sorte de outras. Um *malvado*, queremos dizer um critico, raspou-a, dando para isso a razão, de que os versos estavam errados! Foi *cruel!* Não se lembrou de que a elles, como a quasi todos os que por ahi ficam, se lhes podia applicar o dito de Alexandre M. de Castilho, a respeito de uns similhantes; isto é: que «as syllabas, que vão de menos n'uns versos, irão de mais n'outros, e assim, passando-se-lhes a *razoura*, todos ficarão certos.»

Quando tivermos vagar, faremos essa *experiencia*. Hoje não podemos. Estamos cançados de escrever, e o calor abafadissimo incommoda-nos bastante.

— Agora mesmo (uma da tarde) esta-se toldando o horisonte e o estado athmospherico para ameaçar trovoada e chuva. Veremos o que succederá.

— Na nossa carta antecedente, em vez de S. Marcos de Argoncilhe, deve lêr-se: S. Martinho de Argoncille.

— Por hoje nada mais. Até á semana.

* * *

NOTICIAS DIVERSAS

Hospedes.— Foram hospedes do sr. Paula Quaresma na grande festa das Neves, em Angeja, os srs. dr. Augusto de Castro, esposa e filhas; D. Maria Augusta Castro, filha de D. Maria Castro e irmã do dr. Castro; dr. Antonio d'Oliveira Guimarães, delegado da 2.ª vara do Porto; dr. João Dias, do Porto; D. Adelaide da Luz Quaresma de Paula e Mello, e seu irmão Augusto Quaresma de Paula e Mello, chefe da estatistica do caminho de ferro do Douro e Minho, e sobrinhos do sr. Paula Quaresma; Joaquim da Silva Junior, estudante da escola-medica do Porto; Manuel Maria de Castro Corte Real, estudante do 3.º anno de Coimbra, Francisco V. Barbosa de Magalhães, empregado de fazenda do districto; João J. Machado Junior, escrivão de fazenda d'Albergaria, e seu filho; e Padre João Marques da Silva. Estiveram mais de tarde e á noite as ex.mas srs.as D. Maria Barbara d'Eça Noronha, e D. Amelia Salgado, e os srs. Prior d'Angeja, Antonio Augusto d'Oliveira Santos, Francisco Maria de Sousa Brandão, engenheiro e empregado no quartel general, e seu filho Manuel Carlos de Sousa Brandão, engenheiro; Ricardo Maria Nogueira Souto, estudante da escola-medica do Porto, e sua ex.ma mana; Antonio Joaquim de Freitas, e sua ex.ma filha; Aristides, filho do ex.mo sr. Ruy Couceiro; Padre Julio Pires Alvares Mourão, parocho d'Albergaria, e seu mano Francisco Mourão; Francisco Antonio de Miranda, quintanista em direito; Severiano Silva, estudante da escola-medica do Porto; Francisco Correia de Sá e Mello, regente da philarmonica d'Albergaria, e muitos outros distinctos cavalheiros, que vieram cumprimentar o sr. conselheiro Augusto Maria de Castro, dignissimo procurador regio do Porto.

Programma.—Damos em seguida o programma da grande festividade de S. Sebastião, que ha de ter logar nos dias 18 e 19 do corrente, em Angeja.

No dia 15 ao meio dia, uma salva de 15 morteiros e foguetes annunciará a proximidade dos festejos, repetindo-se essa salva tres vezes por dia até o 19 ao pôr do sol.

Sabbado, 18.—Ao meio dia estarão magnifica e vistosamente adornadas com bandeiras, galhardetes, plinthos e tropheus a torre e frontespicio da egreja, a praça e ruas Direita e parte da da Pereira, da freguezia.

Pelas 6 horas da tarde tres das melhores phylarmonicas do districto —a d'Estarreja, a velha d'Aveiro e a d'Ilhavo—percorrerão, tocando alternadamente, as ruas da povoação.

A's 9 horas da noite a grande e galharda *encamisada* debriosos rapazes a cavallo, vestidos de varios e diversos modos, percorrerá as ruas da povoação ao som de musica, ao clarão d'archotes e ao estrondo de foguetes.

A's 10 horas da noite estarão brilhantemente illuminadas com dois pharoes e uma vistosa illuminação por dois habeis e afamados artistas do districto parte da rua da Pereira, toda a rua Direita e praça da freguezia.

A essa hora subirão pra os respectivos corêtos, caprichosamente illuminados e embandeiralos, as tres phylarmonicas, que tocarão alternadamente as melhores peças los seus variados reportorios até á mdrugada do dia seguinte. N'este espaço de tempo subirão ao ar alguns balões aereostaticos e se queimará um magnifico fogo prezo e do ar de dois dos nais acreditados pyrotechnicos do districto.

Domingo, 19.—A's 10 horas da manhã se começará na egreja, depois do Asperjes, a missa solenne a grande instrumental pela orchestra d'Estarreja, regida pelo habil e justamente acreditado sr. Agostinho Leite, com sermão ao Evangelho.

Finda a missa sahirá logo a procissão com o SS. Sacramento debaixo do palio, 29 anjos, as tres phylarmonicas da vespora, e irmandades incorporadas, que percorrerá as ruas do Espirito Santo, Pinheiros e Direita.

A's 6 horas da tarde fugaças, ou corridas a cavallo, acompanhadas a musica, na estrada real, no bello e pytoresco sitio da Várzea.

No fim d'ellas arraial.

Medida precisa.—A zelosa municipalidade d'Agueda acaba de pôr em execução as seguintes medidas. A esse respeito diz o nosso estimado collega da *Soberania* o seguinte:

«A camara municipal d'este concelho, por meio d'editaes, suscitou em geral a fiel observancia das posturas geraes d'este concelho, e em especial: a da que prohibe trazer cães á sôlta desde o dia 15 d'agosto até ao fim das vindimas, com a pena de 500 réis de multa; a da que obriga os possuidores de fazendas confinantes com estrada, caminhos ou locaes de servidão publica a aparar e aprumar os seus cômoros todos os annos até ao dia 15 d'agosto, com a sobredicta pena; e a da que prohibe entrar nos pinhaes alheios a apanhar agulhas ou a roçar matto ou lenha, desde 1 de julho até que seus donos tenham levantado as agulhas, e debaixo de outras quaesquer arvores até que seus donos tenham levantado a folha, com a pena de 1$200 reis de multa ou 24 horas de prisão.»

Exemplo é este que todas as camaras devem seguir, fazendo observar as suas posturas coercivas d'abusos.

Transcripções.—São da *Soberania do Povo* de 12, as seguintes noticias:

Regressou de Lisboa a esta villa o nosso amigo o sr. Antonio Brinco, que foi assistir ao baptisado da primeira filha do nosso amigo o sr. dr. Antonio Pinto.

— Chegou hontem a esta villa o sr. Carlos Guedes, encarregado dos estudos da estrada districtal d'Agueda a Pecegueiro. O sr. Guedes vae residir para a povoação do Becco, d'onde dará começa oos seus trabalhos.

— Festejam-se hoje no Porto os dez annos da estremecida filha do nosso amigo, o sr. Vicente Ferreira dos Santos, uma creança adoravel e gentil. Desejamos á menina Camilla um formoso futuro de roseas felicidades e a seus ex.mos paes cumprimentamos sinceramente pelo anniversario de sua filhinha tão querida.

— Quinta-feira, alta noite, no arraial de S. Lourenço, em Pedações, havia grande burburinho na multidão, que folgava e ria. Um balão, colorido e flamante, subia serenamente e fazia no espaço uma extensa carreira luminosa. Subia, subia, fitos os olhos dos romeiros na pequena machina ondeante até que em um ultimo balouço ella desappareceu confundindo-se com as vividas estrellas que esmaltavam o puriss firmamento. A curiosidade do arraial desviou-se logo para outra diversão qualquer. Mas, depois, todos se voltaram para as bandas de Crastovães, d'onde surgia um grande clarão, largo e alto, que illuminava todo o horisonte. Fôra o pequeno balão que descera em um pinhal e que communicou o fogo ás arvores e aos mattos e que produzia um vasto incendio. Acudiu gente, que extinguiu o fogo, já quando os prejuizos feitos eram consideraveis. O pinhal pertence ao sr. dr. Guilherme Telles, d'Aguieira.

Mais.—São do *Districto de Leiria* as seguintes noticias:

Na tarde de 5 do corrente, houve grande desordem em S. Martinho do Porto, promovida por João Fernandes Pata, Domingos do Grande, Manuel do Grande e João André Senos, todos d'Ilhavo, e tripulantes do hyate—*Duque de Saldanha*—surto n'aquelle porto. A desordem foi na taberna de Miguel Subtil. Ahi proferiram termos que seriam capazes de envergonhar um catraeiro, e reprehendendo-os o sr. Francisco Roque Nunes, patrão do escaler da alfandega que alli passára, foram-se a elle e esbofetearam-o. Querendo a auctoridade local fazer capturar os heroes, estes fugiram para o hyate a que pertenciam, que estava atracado ao caes, e d'alli arremessaram aos cabos de policia que os pretendiam prender e a muito povo que se juntou, achas, baldes e tudo de que podiam lançar mão. Pareciam possessos! Com o auxilio da guarda fiscal, foral afinal capturados no dia seguinte pelas 5 horas da manhã e remettidos para a cadeia d'Alcobaça. Receberão sem duvida, o premio das suas façanhas.

— Houve no dia 8 do corrente na Marinha Grande dois incendios—um na matta real, outro na importante fabrica de resinagem. Ambos elles foram extinctos com prestesa, sendo os prejuisos insignificantes. O incendio da fabrica de resinagem podia trazer consequencias funestissimas, por haver alli armazenada enorme quantidade de materias inflamaveis.

Os banhos de mar.—Diz um collega nosso que os banhos

de mar não são tão inoffensivos como geralmente se crê, nem fazem bem a todos. Os velhos e as creanças, as pessoas excessivamente obesas e as demasiado fracas, as que soffrem do coração ou dos pulmões, as que teem debil ou irregular a circulação do sangue, as que são affectadas de certas perturbações nervosas e aquellas que são dispostas ás hemorrhagias devem abster-se completamente de banhos salgados, ou tomarem-n'os rarissimas vezes e serem avaras na sua duração. Os banhos de mar são frequentemente causa de doenças nos orgãos auditivos, em consequencia de resfriamentos proeuzidos pela rapida evaporação da agua introduzida no conducto auditivo, e ás vezes por causa do deposito de substancias salinas, resultante d'essa mesma evaporação. Como precaução contra tal perigo, recommenda-se o collocar nos ouvidos um pouco de algodão molhado em azeite.

Despachos de justiça —Verificaram-se os seguintes:

Francisco Rodrigues Coelho da Silva—approvado para substituir o juiz de direito da comarca de Chaves durante o goso da auctorisação e licença n'esta data concedida.

Bacharel João Baptista Rebello de Sousa, delegado do procurador regio na comarca de Amares—auctorisação para gosar trinta e quatro dias de licença anterior.

Bacharel Elysio de Carvalho Mirabou, delegado do procurador regio na comarca de Porto de Moz—auctorisação para gosar sessenta dias de licença anterior.

Bacharel Seraphim d'Oliveira Cardoso Baldaia, conservador privativo do registo predial na comarca d'Ovar—licença por trinta dias.

Arnaldo Augusto Alvares Fortuna, escrivão e tabellião do juizo de direito na comarca de Aveiro—licença por quarenta e cinco dias.

Bacharel José Maria Fonseca Saraiva Aguilar, delegado do procurador regio na comarca do Sabugal—auctorisação para gosar doze dias de licença anterior e nova licença por trinta dias.

Antonio Casimiro Alves Monteiro, escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca de Barcellos—licença por sesenta dias.

Padre Francisco Augusto de Sousa Sanches de Castro, capellão da cadeia geral penitenciaria do districto da relação de Lisboa—licença por trinta dias, para ser gosada depois do regresso do capellão adjunto.

Guilhermino Alvares da Costa Carvalhal, amanuense da secretaria da cadeia geral penitenciaria do districto da relação de Lisboa—licença por 30 dias.

NOVAS DE LONGE

O rei de Portugal em Marselha.—O *Figaro*, referindo-se á viagem de el-rei D. Luiz, diz o seguinte:

«O rei de Portugal chegou domingo, 5, a Marselha, no comboyo das 3 horas e 25 minutos da tarde.

Na estação era esperado pelo general Japy, commandante do 15.º corpo do exercito; Lagarde, prefeito das Bouches-des-Rhone, e seu secretario; os officiaes ás ordens do general Japy; alguns membros do corpo consular; May Figueira, medico do rei; o conde de Valbom, embaixador de Portugal em Pariz; o visconde do Pernes, coronel do exercito portuguez e adido militar á legação de Pariz; Almeida Affonseca, consul de Portugal em Marselha e official de marinha portugueza; Mais, commissario especial de vigilancia administrativa, o pessoal superior da policia dos caminhos de ferro e municipal, etc.

O rei apertou a mão ao general Japy e ao prefeito, que o conde de Valbom apresentára, e trocou com elles algumas palavras.

D. Luiz parecia muito fatigado. O seu estado de saude, sem inspirar inquietações, não é dos mais satisfactorios. A viagem alterou-lhe algum tanto as feições e a sua pallidez era extrema.

O rei vestia um traje de viagem, recoberto com um *purdessus beige* de verão. Na cabeça um chapéu baixo de feltro preto.

Depois das apresentações, S. M. demorou-se alguns instantes na sala de espera, conversando com o conde de Valbom. Como viaja incognito, as tropas não assistiram á sua chegada. Mas uma multidão respeitosa e sympathica formava alas e applaudiu o hospede da França durante o trajecto da estação ao grande hotel de Marselha. O rei ia em carruagem descoberta com o conde de Valbom e o seu medico.»

Lê-se tambem no *Temps*:

«O rei D. Luiz de Portugal, ao partir de Marselha para Genebra, dirigiu o despacho seguinte ao sr. Carnot:

«A s. ex.ª o presidente da republica.—Fontainebleau.

«Antes de deixar a França, tenho que agradecer-vos todas as provas de consideração e amabilidades que recebi por parte do governo, e significar-vos o meu reconhecimento.—*Rei de Portugal*.»

O rei D. Luiz indicou claramente nas suas conversações que quiz atravessar a França como demonstração de sympathia e de boa visinhança.»

A rainha de Portugal em Pariz.—Sobre a estada da rainha de Portugal em Pariz, dão as folhas francezas os seguintes pormenores:

Pariz 8—A rainha de Portugal esteve hontem pela 1 hora e meia da tarde na Bolsa, onde fallou pelo telephone com seu esposo o rei de Portugal, que se acha em Marselha. Mais tarde, S. M. foi dar um passeio pelo Bosque.

O duque do Porto deixou hontem pelas 7 horas da manhã o hotel de Bristol, acompanhado do tenente-coronel Michel e de um ajudante de ordens. O duque do Porto, que vestia o uniforme do tenente de artilheria do exercito portuguez, dirigiu-se á Eschola de Saint-Oyr, onde foi recebido pelo general Tramont. Assistiu alli a diversos exercicios e depois dirigiu-se para o campo de Satory onde foram executadas algumas manobras na sua presença.

O Papa Leão XIII.—A'cerca da vida ordinaria de Leão XIII, refere o seguinte uma folha religiosa:

«Logo que Cesario, o jardineiro do Vaticano, vê que se aproxima o Papa, vai ao encontro d'elle e apresenta-lhe um pequeno ramo de flores que Sua Santidade leva na mão emquanto dura o seu passeio habitual. De regresso ao palacio, o Summo Pontifice concede novas audiencias ou trabalha com o seu secretario.

A's 6 horas toma uma tijella de caldo com um pequeno copo de Bordeus.

Das 8 ás 9 dá uns dias audiencias, e n'outros permanece só, preparando trabalho para o dia seguinte.

A's 10 resa o rosario com monsenhor Martolino, um dos seus secretarios mais affectuosos e que esteve com elle em Perusa, e das 10 e meia ás 11 toma uma ligeira collação e deita-se ás 11 em ponto.

A habitação que occupa o Santo Padre, no 1.º andar do Vaticano, consta de tres habitações, sem incluir as ante-camaras em que estão os camaristas com os seus trages caracteristicos. A primeira das tres, a mesma am que recebeu o principe herdeiro da Allemanha, é forrada de velludo vermelho e mobilada com toda a simplicidade, sem quadros nas paredes e com um *console*, bancos, cadeiras e um pequeno throno.

A segunda, onde recebe geralmente, tem tapeçaria verde e uma grande mesa com periodicos, livros e revistas; uma porta pequena dá para a capella onde célebra missa.

Por ultimo, a terceira sala é ornada de tapeçaria amarella, sendo ao mesmo tempo a alcova, na qual, por detraz de uma cortina, está o pequeno leito em que Leão XIII descansa, feito de ferro dourado, com seis grandes cadeiras na frente e dous *consoles* que servem de pedestal a um busto. No meio da habitação ha uma mesa-*buffette* e sobre ella um grande crucifixo, periodicos, papeis, cartas e outros documentos.

A' alcova segue-se um corredor com tres janellas, que é a bibliotheca, onde o Papa falla com as pessoas ao seu serviço, quando não quer descer ao jardim; a um lado d'este compartimento ha uma passarinheira com muitas aves, ás quaes o Papa é muito affeiçoado.

Não ha sala de jantar, porque Leão XIII come em uma pequena mesa que faz transportar de uma outra habitação, se bem que regularmente habite a sala verde.»

Rochefort infeliz.—Rochefort anda com a gettatura. O telegrapho noticiou-nos ha dias que o celebre agitador fôra muito soccado na praça da Revolução por os seus proprios correligionarios, conseguindo escapar-se-lhes das unhas sem mais avaria, graças á destreza e energia do seu cocheiro. Os jornaes communicam que o redactor do *Intransigeant* foi soccado na bolsa, com uma multa de 1:000 francos e 4:000 de damnos e perdas, no processo de diffamação que contra elle intentou Carlos Ferry, o irmão do celebre estadista. E assim ha-de succeder a todos os Rocheforts que por ahi ha: hão-de ser victimas das pessimas ideias que propagam.

Grande tufão.—Na segunda-feira passada rebentou um tufão em Valparaiso, que produziu o choque entre um navio inglez e outro francez, mas de tal fórma violento que os dois navios foram immediatamente a pique. A equipagem do navio inglez afogou-se toda, perecendo tambem 7 francezes.

O tufão fez ainda dar á costa cinco navios, arrombou os diques, que innundaram as ruas da cidade, e causou o aluimento de uma ponte.

COMMUNICADOS

A FESTIVIDADE DAS NEVES EM ANGEJA

Os festejos do dia 4 e 5 do corrente em Angeja, como annunciámos, em honra da Virgem Nossa Senhora das Neves, satisfizeram cabalmente, aos desejos, que possuimos, e foram muito além do que se esperava. No dia 4 as ruas illuminadas caprichosamente, apresentavam aos espectadores uma vista phantastica e surprehendente, o que tudo se deve á boa escolha que os festeiros fizeram d'artistas caprichosos, esmerados e de bom gosto. As musicas, tanto uma como outra, mantiveram-se na altura do que se esperava, desempenhando cada qual, artisticamente, e com precisão, as peças de seu variado e mimoso reportorio.

O fogo foi brilhante, e honra seja feita aos pyrotechnicos, que se houveram com dignidade, por ser a primeira vez, que n'esta terra, apresentavam os seus artificios. A agglomeração de povo era immensa; difficilmente se rompia d'um a outro lado; e muitas vezes forçoso era parar, e sustermo-nos para não cahirmos ou sermos impelidos pela corrente dos pandegos que em borburinho se divertiam. E no meio de tudo a ordem foi sempre mantida: honra aos cuidados do regedor da freguezia, que rondou incançavelmente com a sua policia, de harmonia com alguns soldados de cavallaria 10 e alguns policias, que da séde do districto por ordem superior vieram para manterem o socego publico. Tudo correu ás mil maravilhas. O que não agradou foi o tal *Zé Pereira*, que além de não prestar, estupida e loucamente, caprichou em retezar as pélles, á força de maceta aturdindo os ouvidos ás pessoas de bom senso e embutindo-lhes guinchos dissonantes de pifano, que faziam arrevelar os olhos e arripiar os cabellos.

A festividade da egreja, foi com toda a pompa e esmero possivel: a missa acompanhada a grande instrumental foi desempenhada pela phylarmonica da capital do concelho, que executou como era de esperar, satisfazendo muito bem e nada deixando a desejar. Parabens ao sr. Mello, regente d'esta phylarmonica; ao Evangelho orou o revd.º padre João Marques da Silva, de Estarreja, que agradou não só pela doutrina como pela exposição; e no fim da missa subiu ao pulpito o sr. dr. João Dias, do Porto, que n'uma oração sublime, mostrou por vezes ser um orador consummado.

A egreja estava com maximo aceio, o que tudo se deve ao eximio decorador o sr. Francisco Carvalho.

A procissão, na melhor ordem, ia grande e rica; no seu precurso por sobre tapete de verduras, que ervas odoriferas exalavam fragancia agradavel. Não houveram faltas a lamentar, o que tudo se deve á solicitude e vontade incançavel da illustre Meza da irmandade de Nossa Senhora das Neves para bom exito das festas, pelo que se tornou digna dos emboras de toda a freguezia.

Domingos José Ferreira Abreu.

AINDA A FESTA DAS NEVES EM ANGEJA

Realisou-se no dia 5 em Angeja a festa da Senhora das Neves, que mais uma vez se mostrou ser uma das festividades do nosso districto mais concorridas e mais imponentes. Como foi annunciado, na vespera houve fogo preso em grande abundancia e de bom gosto que satisfez bem á espectativa, e a illuminação em arcadas em toda a rua Direita, que, vista do extremo sul do largo da Praça, produziu um effeito deslumbrante, apresentava uma perspectiva realmente soberba. O farol, collocado ao centro da Praça entre os dois coretos das musicas, com os quaes communicava por meio de cordões de buxo lindamente enfeitados com *bouquets* e bandeiras pendentes, d'uma grande altura e d'uma quantidade de luses extraordinarias, illuminava exuberantemente todo o recinto do arraial e casas fronteiras, e o clarão devia ser notado a grandes distancias, invadindo o vasto espaço.

Nos coretos, bem construidos e adornados com flores e muitas bandeiras, tocavam em desafio as musicas de Ilhavo e Albergaria a Velha. A primeira, competentemente ensaiada para tocar com uma das principaes musicas do nosso districto e n'uma festividade onde vinha tocar pela primeira vez, apresentou-se bem e satisfez plenamente tanto na vespera como na procissão de domingo. A musica de Albergaria, essa, pelo selecto do seu reportorio, pela sua afinação e por tudo, mostrou ser uma das mais distinctas musicas de provincia e tornou-se digna dos elogios de todas as pessoas que entendem alguma coisa do assumpto e teem ouvido tocar boas musicas. O seu digno regente, sr. Francisco Mello, um intelligente moço e um artista distincto na arte de Bellini, foi por vezes felicitado por as pessoas mais distinctas. No domingo, o ex.mo sr. conselheiro Augusto de Castro, digno procurador regio no Porto, mandou chamar o sr. Francisco Mello e o felicitou pelo bem que regeu a musica e pela maneira distincta como ella executou os bellos trechos de opera e lhe disse que a sua musica podia tocar a par d'algumas bandas regimentaes. Na verdade a musica d'Albargaria é muito distincta para campo. Na missa tambem esteve bôa apesar das fracas condições acusticas da egreja. Tocaram ambas na procissão e não obstante a de Ilhavo se apresentar alli um pouco mais forte, a de Albergaria primava sempre pela certeza e afinação. A festa foi bem servida de musicas, não ha duvida.

Durante a festa de egreja houve dois discursos, um pelo sr. padre João Marques da Silva, de Estarreja; e o segundo pelo sr. dr. Dias, do Porto, capellão do 18, que fallou brilhantemente durante vinte minutos. Descreveu o amor filial d'uma maneira soberba, exaltou a crença religiosa com phrases verdadeiramente eloquentes e referindo-se á sua permanencia em todos os tempos e em todos os povos, comparou-a com o ephemero das grandezas sociaes, sendo felicissimo em divagações historicas que a este respeito fez. O sr. dr. Dias, que é um orador dos mais distinctos do norte do paiz, tem uma expressão facil e correctissima e possue uma vasta erudição.

Em abono do sr. dr. Dias cumpre-nos dizer que elle não vinha preparado para fallar. Foi como finesa a alguns amigos seus e ao juiz da festa, sr. Paula Quaresma, de quem o sr. dr. Dias era hospede, que elle se resolveu fallar á ultima hora.

O sr. João Marques da Silva, que veiu expressamente prégar á festa, tambem fez um discurso bonito e vasto, que muito o distingue.

Em tudo foi uma festa excellente. Além da gente do povo que vem sempre das terras circumsvisinhas, viam-se tambem familias e muitas pessoas de consideração. Só em casa do sr. Paula Quaresma, juiz da festa, estavam hospedados os ex.mos srs. conselheiro Augusto de Castro e familia, dr. Dias, capellão do 18; dr. Guimarães, delegado no Porto; Manuel Maria Corte-Real, alumno da Universidade; D. Maria Augusta de Castro, D. Adelaide e um dos seus manos, sobrinhos do sr. Paula Quaresma, Joaquim da Silva, estudante de medecina, etc.

No domingo á noite dançou-se alli até á meia noite com muita animação, e além das pessoas mencionadas recordamo-nos ter visto na *soirée* mais os srs. Antonio Joaquim de Freitas e sua filha, D. Adelaide Nogueira Souto e seu irmão Ricardo Souto, escrivão de fazenda de Albergaria, Severiano da Silva, etc.

F.

Sr. redactor.—Entre todos os funccionarios publicos nenhuns ha que mais assiduamente trabalhem pela prosperidade e bem estar da nação do que os professores de instrucção primaria, por que são elles que diariamente se occupam de inocular no coração da infancia e na alma dos futuros cidadãos o amor ao trabalho e a pratica de todas as virtudes e obediencia ás leis, e a sujeição e o respeito aos poderes constituidos e a dedicação á patria; por isso um illustre ministro italiano denominou esta classe—Soldados da sciencia e da liberdade.

O magisterio primario é hoje um sacerdocio universal, cuja missão augusta consiste em preparar as novas gerações para o reinado da sciencia, justiça e trabalho productivo. Hoje a missão educativa do professor significa a remodelação das sociedades debaixo do triplice aspecto, physico, intellectual e moral. Para que a escola tome a vanguarda do progresso, é necessario que se attenda não só á sua collocação, mas ás suas dimensões, ventilação, temperatura e illuminação.

Todos sabemos as circumstancias em que se encontram uma grande parte das nossas escolas com especialidade nas povoações ruraes quasi todas em más condições, recebendo em seu acanhado recinto essas creanças que devem ser os homens das sociedades modernas. A creança segundo Frœbel, é uma planta humana que tem necessidade de ar e sol para se desenvolver e crescer. Não a tenhaes enclausurada em salas, cuja capacidade seja insufficiente ou em pateos que impedem a renovação da massa atmospherica.

Ha juntas de parochia que não tem observado estes preceitos, umas por falta de meios, outras por esquecimento do que lhe é ordenado por lei. A junta de Parada de S. João d'Areias luctava com difficuldades, porque não tinha uma casa em condições que podesse fornecer ao professor que se sujeitava a exercer o seu magisterio em casebres sem luz e sem capacidade, insalubres, improprios para se poder derramar a instrucção e desenvolvel-a nos povos, os quaes antes se deviam chamar pocilgas.

O sr. Mourão, illustrado e zeloso sub-inspector pelo circulo de Tondella, poz cobro a estes males mandando reunir a ex.ma camara, administrador, medico do partido, parocho e junta, por causa do local para o edificio escolar. Esta apresentou alguns locaes, mas o activo e imparcial empregado sr. Mourão escolheu um logar secco e elevado, retirado do bulicio do povo e que tem condições hygienicas e pedagogicas, o qual foi approvado.

E' bem merecido o manifestar este facto, que é digno de louvor a um funccionario que tanto se esmera pelo augmento da instrucção, fonte grandiosa e sublime, que tira os povos das densas trevas da ignorancia dando-lhe felicidade, pois a instrucção é a luz e o pão do espirito.

Parada de S. João d'Areias 12 de agosto de 1888.

L. P. d'Oliveira.

FESTIVIDADE

Os inimigos de Deus e da humanidade vendo a felicidade que espera aquelles que adoram a Deus e a Cruz, não cessam de se empenhar em precipitar nos abysmos aquelles cujo fim é servirem o Senhor. Mas ainda bem que na cruzada da Santa Religião que Jezus Christo sellou com o seu sangue se veem empenhadas milhares de pessoas. Se temos alguns philosophos que negam a existencia de Deus são por convicção propria, mas para se tornarem salientes temos quem o confesse e quem o adore e quem siga os seus mandamentos. A prova está nas innumeraveis festas que por toda a parte se fazem, attestando esta verdade.

Festejou-se com toda a pompa no dia 29 do mez preterito a funcção ao Santissimo Sacramento pela irmandade de Papizios, concelho do Carregal. A egreja estava esplendidamente ornamentada devido ao zelo do digno parocho da freguezia e arcipreste sr. Antonio d'Abranches Ribeiro. O brilho das luzes produzia um effeito deslumbrante.

Subiu ao pulpito o revd.mo sr. Antonio Coutinho, de S. Thiago de Besteiros, que foi elegante na phrase, elevando-se á altura dos seus creditos.

A orchestra foi a do sr. Alfredo, de Midões, que executou com primor muitas e variadas peças, cuja reputação está já ha muito assente. Se não é a primeira é talvez uma das melhores d'estes sitios.

O juiz da irmandade foi o sr. José da Costa Nunes, activo professor da Guarita, que se não poupou a despezas para abrilhantar esta festa. No fim offereceu um abundante e opiparo jantar ao clero e a muitos cavalheiros de differentes pa tes, entre elles os srs. Alfredo Corrêa de Carvalho, administrador do concelho de S. João d'Areias, e José Pedro Parente, presidente da camara do mesmo concelho, funccionarios probos e integerrimos, dignos da veneração e estima dos seus subordinados. Terminou assim esta brilhante funcção, deixando-nos saudosas recordações.

Parada de S. João d'Areias 6 de agosto de 1888.

L. P. O.

SECÇÃO LITTERARIA

O HOMEM DOS MIOLOS DE OIRO

(Alphonse Daudet)

Era uma vez um homem que tinha os miolos de oiro; sim, meus senhores, um cerebro do mais puro oiro. Quando nasceu, julgaram os medicos que não iria ávante, tal era o peso da cabeça e a desproporção do craneo. Apezar dos prognosticos resistiu e foi crescendo; mas a cabeça, pelo seu enorme peso, difficultava-lhe a presteza dos movimentos.

Andava sempre a dar trambulhões. De uma vez caiu da escada a baixo, e veiu bater com a cabeça no lagedo do patamar. Suppozeram-n'o morto; mas quando o levantaram, verificaram que tinha apenas um bréchasita insignificante, e dois ou tres pingos de oiro coagulado no cabello loiro.

Foi então que a familia descobria que o pequeno tinha os miolos de oiro.

Ficou tudo em segredo, e o rapazito não suspeitava de coisa alguma. A's vezes, lá de quando em quando, lembrava-se de perguntar porque era que o não deixavam ir brincar para a rua, com os outros rapazes.

— Nada, que te podiam roubar, meu precioso thesouro, respondia-lhe a mãe.

E o pequeno, que se arrepiava todo com aquella idéa de ser roubado, continuava a brincar sósinho, sem dar palavra, dando caroladas sem conta.

Quando chegou aos dezoito annos, revelou-lhe a familia o segredo d'esse extraordinario dom com que o brindára a natureza, e como o tinham criado, educado, vestido e sustentado até ali, pediram-lhe em troca algum oiro. O rapaz não hesitou; no mesmo instante—como? porque meio? é o que a lenda nos não diz—tirou do cerebro um pedaço de oiro massiço, um pedaço tamanho d'uma noz, que atirou orgulhoso para o collo da mãe. Depois, estonteado pela riqueza que tinha na cabeça, louco de desejos, embriagado pelo seu poder, deixou a casa do pae e deitou-se a correr mundo, esbanjando prodigamente o seu thesouro.

Ao ver a maneira por que elle vivia, gastando á larga, como um principe, dir-se-ia que aquelle cerebro era inexgotavel. Mas não, ia se exhaurindo a pouco e pouco; cavavam-se-lhe as faces e os olhos iam perdendo o brilho. Por fim, um dia, depois d'uma orgia louca, o desgraçado, só entre os destroços da festa, á claridade dubia das luzes que se extinguiam, ficou horrorisado constatando o enorme buraco que já tinha no cerebro. Era tempo de parar.

D'ali por diante mudou de vida. O homem dos miolos de oiro afastou-se da sociedade, e trabalhou para comer, desconfiado e medroso como um usurario, fugindo das tentações, e procurando a todo o custo tirar do pensamento a idéa d'essa riqueza de que se não queria servir mais. Mas por fatalidade vivia com elle um amigo, o esse amigo sabia do segredo.

Uma noite, acordou o pobre homem estremunhado, doendo-lhe muito a cabeça, uma dôr violentissima; levantou-se d'um salto, sem mesmo saber para quê, e ainda pôde vêr á claridade do luar, o amigo fugindo a correr, escondendo o quer que fosse debaixo do casaco.

Era mais um pedaço do cerebro que lhe extorquiam. Tempo depois, o homem dos miolos de oiro, conheceu que estava apaixonado. Amava loucamente uma gentil creaturinha de cabello loiro, que tambem lhe queria, mas que tinha ainda em maior apreço tudo que lhe favorecesse a garridice, pom-pons, plumas brancas, sapatinhos decotados, rendas e laçarotes. E nas mãos da gentil rapariga, boneca e avesita a um tempo, desfaziam-se alegremente os pedaços de oiro. Não havia capricho que ella não adivinhasse, e o desgraçado que não sabia negar-lhe o quer que fosse, nunca lhe confessou, com receio de a amargurar, o triste segredo da sua riqueza.

«Muito ricos sômos nós», dizia ella ás vezes.

O pobre homem respondia:

«Pois, decerto: muito ricos!» e sorria-se enternecido para a gentil avesinha que, sem o saber, lhe ia devorando o cerebro.

No entanto, occasiões havia, que tremia de medo; fazia a si proprio a promessa de se emendar, de poupar; mas, d'ahi a um instante, vinha ter com elle a mulher, e dizia-lhe, sempre graciosa:

«Compra-me alguma coisa muito bonita, anda, tu és tão rico!» E o marido saía e voltava com um presente de muito valor.

Assim foram decorrendo dois annos; depois, uma manhã, sem se saber como, finou-se a loira rapariga, sem uma dôr, como um passarinho. O thesouro estava quasi exhaurido; com os ultimos destroços fez o viuvo um funeral pomposo á sua adorada morta. O repicar de muitos sinos, berlindas fulvas de oiro com cortinados de veludo, cavallos emplumados, centenares de tochas, tudo lhe parecia pouco. Para que queria elle o oiro? Deu-o á farta á egreja, ao andador, ás vendedeiras de flores: espalhou-o sem reserva. Quando saiu do cemiterio já pouco lhe restava do maravilhoso cerebro; apenas uns insignificantes bocaditos, adheridos ao craneo.

Começou a andar pelas ruas fóra, sem destino, a cambalear como um ébrio. A' noite, depois das lojas todas illuminadas, estacou em frente d'uma vitrine deslumbrante, coberta de estojos esplendidos e d'uma infinidade de vistosos objectos.

Esteve muito tempo a olhar para uns sapatinhos de setim azul, guarnecidos de cysne.

«Quem ha-de ficar muito contente com estes sapatos, sei eu!» pensou elle, sorrindo-se; e sem se lembrar que a mulher já não existia, entrou na loja para os comprar. A mulher que estava ao balcão, recuou assustava, ao ouvir um grande grito. Depois, recobrou animo, e foi ver o que era. Viu um homem encostado á vitrine, olhando-a espantado. N'uma das mãos tinha os sapatos azues guarnecidos de cysne, e estendia a outra mão, a pingar de sangue, com umas raspaduras de oiro agarradas ás unhas.

Nemo.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 9

Varios despachos administrativos.

Decreto ordenando a substituição dos dois modelos de guias para os recrutas.

Differentes despachos judiciaes.

Relação das obrigações sorteadas para a amortisação do emprestimo de 5 por cento de 1876.

Mappa do movimento dos espolios dos portuguezes fallecidos na área do consulado da Bahia, referido ao mez de outubro de 1887.

Despachos de varios empregados para os correios e telegraphos.

Annuncio de estar aberto concurso pelo praso de 30 dias, para logares de alumnos do curso pratico dos correios e telegraphos.

Diario de 10

Decreto substituindo as recebedorias dos differentes bairros e a repartição de receita eventual de Lisboa, por uma repartição central de fiscalisação e arrecadação, com sete delegações.

Relação nominal dos portuguezes fallecidos na area do consulado da Columbia.

Mappa dos europeus fallecidos na provincia de Angola durante o terceiro trimestre de 1888.

Diario de 11

Annuncio de estar aberto concurso, pelo praso de 30 dias, para o provimento provisorio de doze logares de terceiros verificadores no quadro geral das alfandegas.

Aviso da direcção geral da thesouraria relativo ao embolso das obrigações da Companhia nacional de tabacos.

Ordem da armada.

Mappa do movimento dos espolios dos portuguezes fallecidos na area do consulado de Pernambuco, referido ao *mez de novembro de 1887*.

39

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

— Vi-os, disse elle, fallei-lhes. Sei quem elles são, e aonde vão. Mas são em grande numero, e seria o cumulo da loucura se trez homens quizessem atacal-os. É pois preciso reunir uma força mais consideravel, e eu sei onde a devo achar. Ambos sois, me persuado, fieis servos de Cedric o saxonio: segui-me pois; não se dirá que o amigo da Inglaterra e dos inglezes ha de carecer de braços, e de soccorro no momento do perigo; mas é preciso apressar-nos, pois que elles vão pôr-se em marcha.

A estas palavras, fazendo-lhes signal de o acompanharem, entranhou-se no matto acompanhado de Gurth e de Wamba.

Este não sabia estar calado, e apenas tinha andado cousa de seis minutos sem dizer nada, voltou para Gurth e em voz baixa assim fallou:

— Parece-me que o boldrié e a trompa, que este homem traz, é a que vimos ganhar ha pouco.

— E eu, disse Gurth fallando ainda mais baixo, apostaria todos os porcos de nosso amo, que ouvi a voz do bravo yeoman que ganhou o premio, e que nos conduziu, não ha ainda trez dias, ou, para melhor dizer, trez noutes.

— Meus bravos amigos, diz Locksley, que, apesar das suas precauções, os tinha ouvido, pouco importa n'este momento saber-se quem, ou o que eu sou. Se acaso chego a livrar vosso amo, podereis considerar-me como o vosso melhor amigo. Que eu tenha tal ou tal nome, que tire bem ou mal com o arco, que goste de passear de noute ao luar, isso são cousas que vos não devem importar, e de que vos não devereis occupar.

— Mettemos a cabeça dentro da guéla do leão, disse Wamba ao ouvido de Gurth, sabe Deus se a tiraremos de lá.

— Silencio, respondeu Gurth, não o offendas com alguma doudice; quanto a mim, tenho boas razões para esperar que tudo isto ha de acabar em bem.

XX

Nas longas, tristes noutes do outono,
Oh! quanto é doce para o peregrino,
No meio da floresta escura, errante,
Soar-lhe ao ouvido do ermitão o hymno!

A devoção da musica recebe
O tom, que a mesma musica exaltando
Bem como o passaro que o sol sande
Aos céus se eleva, e eleva-se cantando.

The Eremit of St-Clements Well.

Foi só passados trez horas de rapida marcha que Wamba, Gurth, e o seu guia mysterioso, chegaram a um largo, no centro do qual se elevava um carvalho gigantesco, cujos ramos frondosos se estendiam por todos os lados. Cinco ou seis *yeomens* dormiam debaixo d'esta arvore, em quanto varias sentinellas passeavam ao luar.

Ouvindo a bulha dos passos a sentinella deu o signal de rebate. Os seus camaradas pozeram-se em pé no mesmo instante, agarraram nos arcos e preparavam-se a lançar flechas.

O chefe tendo-se feito conhecer d'elles, tomaram um ar respeitoso em vez de o ameaçarem como faziam d'antes.

— Aonde está o molleiro? perguntou Locksley.

— Na estrada de Rotherham.

— Com quantos homens?

— Com seis, e boa esperança de preza com o favor de S. Nicolau.

— Isso é que é fallar religiosamente.

— Aonde está Allan-a-Dale?

— Do lado de Watling, espiando o prior de Jorvaulx, com quatro homens.

— Bem pensado. E o frade?

— Na cella.

— Vou procural-o. Vós outros dispersai-vos para reunir todos os nossos companheiros. Ajuntai o maior numero possivel: pois que a caça que temos que acometter não ha de mostrar-nos os dentes. É preciso que se achem todos aqui, uma hora antes de amanhecer.

— Esperem lá, ajuntou elle no momento em que se dispunha a executar as suas ordens, esquecia a parte mais essencial. Que dous de vós tomem com celeridade a estrada de Torsquilstone, do palacio de Cabeça-de-Boi. Uma partida de gente, bem disfarçada com os nossos trages, leva para lá alguns prisioneiros que n'esta matta fizeram. É um insulto que se nos faz, e é honra nossa tirar d'elle vingança. Vigiai-os pois com cuidado; quando mesmo chegarêm ao palacio, antes que tenhamos reunidas as nossas forças, devemo-nos vingar e libertar os prisioneiros. Segui-os portanto de perto, e o melhor caminheiro de vós me trará as noticias.

Partiram immediatamente em diversas direcções, e o seu chefe, acompanhado de Gurth e de Wamba, que olhavam para elle com uma especie de temor respeitoso, tomou o caminho da capella de Copmanhurst.

Quando chegaram ao pequeno largo se via a ermida, tão bem situada para um anachoreta ascetico, e a capella meia arruinada, disse Wamba em voz baixa a Gurth:

— Se é aqui a morada d'um ladrão é uma prova da verdade do proverbio, que diz, que tanto mais perto se está da igreja, mais longe se está de Deus; ouve só o psalmo que cantam na irmida.

Effectivamente o anachoreta e o seu hospede cantavam, com toda a a força dos pulmões, uma cantiga velha consagrada a Baccho.

— Não é mal cantado, diz Wamba, que tinha reunido a sua voz á dos dous musicos: mas, com todos os santos, quem havia de esperar ouvir cantar taes matinas na cella d'um ermitão?

— Não sou eu que me admiro, diz Gurth: diz-se que o ermitão de Copmanhurst é um homem de feição; pouco se lhe dá de matar um gamo. Diz-se mesmo que o couteiro já se queixou d'elle ao official, e que lhe ha de ser prohibido trazer habito e capuz.

Em quanto assim fallavam Locksley, batendo na porta com força, tinha perturbado o anachoreta e o seu hospede.

— Pelo meu capuz! diz o ermitão parando no meio d'uma cadencia, persuado-me que temos mais algum peregrino extraviado. Não desejava, pela honra do meu capuz, que nos apanhassem em nossos pios exercicios. Cada qual tem os seus inimigos, meu bom cavalleiro *preguiçoso*, e ha pessoas tão malvadas que olhariam o modo hospitaleiro com que vos recebi, durante tres pequenas horas, a vós forasteiro cançado, como um pagode, uma verdadeira borracheira; vicios que, graças a S. Dunstan, são oppostos tanto ao meu caracter, como á minha profissão.

— Que vis calumniadores, disse o cavalleiro. Bem desejára eu que me encarregassem de os castigar; mas tendes razão, santo ermitão, cada qual tem os seus inimigos, e ha n'este reino certos particulares, com quem desejaria fallar a travez da viseira do meu capacete, e não á cara descoberta.

— Ponde o vosso elmo, senhor *preguiçoso*, diz o ermitão, tão depressa como o vosso natural vol-o permitte, em quanto vou pôr no armario furtado a garrafa, copos e o resto da empada; e, para que nada se ouça de fóra, fazei córo comigo. Reparai só para a musica, e não vos importem ás palavras: resta mesmo saber se eu as conheço bem.

Isto dito, fez desapparecer os restos da ceia, e entoou um *de profundis clamavi* com uma voz sonora, em quanto o cavalleiro, pondo a sua armadura á pressa, e rindo-se de bom gosto, lhe fazia a segunda.

— Que matinas do diabo cantais a estas horas? exclamou Locksley batendo segunda vez á porta.

A bulha que fazia o ermitão com a cantiga, e talvez as suas copiosas libações, impediram-no de reconhecer a voz de quem lhe fallava.

— Segui o vosso caminho, respondeu elle, em nome de S. Dunstan, e não perturbeis as nossas devoções.

— Padre doudo, gritaram de fóra, abre a Locksley.

— Tudo vai bem, diz o ermitão ao cavalleiro, não ha nada que temer.

— Mas quem é este sujeito? quero sabel-o.

— Quem é? digo-vos que é um amigo.

— Mas quem é este amigo? Talvez o seja vosso e não meu.

— Quem é este amigo? É mais facil fazer essa pergunta do que responder a ella. Ah! agora me lembro, é o honrado couteiro de quem vos fallei.

— Tão honrado como sois, piedoso ermitão, diz o cavalleiro; abri-lhe emfim a porta, se não quereis que elle a metta dentro.

Os cães puzeram-se ao principio a ladrar; mas, reconhecendo pelo faro o novo hospede, começaram a esgravatar á porta murmurando, somo se pedissem que lh'a abrissem.

A porta abriu-se emfim, e Locksley entrou seguido dos seus dous companheiros.

— Ermitão, diz Locksley vendo o cavalleiro, onde achastes este novo companheiro?

— É um irmão da nossa ordem, respondeu elle sorrindo-se; passámos a noute em oração.

— Persuado-me que elle é membro da igreja militante, diz Locksley, e vêem-se bastantes caminhar pelos campos ha alguns dias. Mas isto não é o nosso ponto. É-nos preciso até o ultimo dos nossos homens, clero ou leigo assim tu vais largar o habito e o rosario, para tomar a aljava e os dardos.

— Então estás doudo, accrescentou elle tirando-o um pouco a parte, deixas entrar aqui um cavalleiro que não conheces? já te esqueceste dos nossos regulamentos?

— Que eu não conheço? Conheço-o tão bem como o mendigo conhece a sua tigela.

— Como se chama!

— Como se chama? como se eu me puzesse a beber com um homem sem conhecer o seu nome! Chama-se Anthony de Scrablestone.

— Bebeste mais do que convinha, e temo, meu padre, que fallasses igualmente mais do que convinha.

— Bravo archeiro, diz o cavalleiro, não accuseis de leve ao meu alegre patrão. Elle não pôde recusar-me a hospitalidade, pois que o teria obrigado a dar-m'a.

— Obrigado!... repetiu o ermitão; espera que eu tenha mudado este habito por um vestido verde, e se não fizer rodar uma duzia de vezes um páu de duas pontas sobre a tua cabeça, consinto em passar por máu frade, e máu habitante das florestas.

Fallando d'este modo despiu o seu habito, e appareceu de vestia • ceroulas de ollandilha preta: e bem depressa póz por cima um vestido e calções verdes.

— Ajuda-me a abotoar estas presilhas, diz elle a Wamba, e prometto-te um bom copo de vinho.

— Julgais, diz Wamba, que eu possa ajudar em consciencia um santo ermitão a transformar-se em roubador de caça?

— Não receies nada, respondeu o ermitão, eu confessarei ao meu capuz os peccados do meu vestido verde, e não se hão de desavir.

CORREIO DE LISBOA

14 DE AGOSTO DE 1888.

Agita-se aqui n'este momento uma questão grave. As emprezas de moagem de trigo elevaram o preço da farinha e os padeiros por seu turno elevaram o preço do pão 10 reis em kilo. O facto indispõe a opinião e vem provar quanta razão tinha o governo em não obtemperar ás sugestões d'aquelles que queriam por todos os modos e formas que o imposto sobre os cereaes estrangeiros fosse elevado até ao ponto de quasi se prohibir a entrada d'elles. Era a tal protecção á agricultura nacional, muito fallada e muito discutida sempre por certa imprensa a quem tudo serve para fundamentar a sua guerra ao governo. Contra a exigencia das emprezas de moagem oppõe o governo a baixa do imposto da entrada das farinhas, e esta medida, a mais importante decerto que podia tomar-se, cortará o mal pela raiz e é isso o que vae fazer-se. O governo vela pelo bem estar da sociedade confiada ao seu patriotismo, e seguros d'isso não ha motivos para receios, que são por em quanto sem fundamento. O pão ha de continuar a fornecer-se pela taxa anterior, custe isso o que custar; soffra embora quem, sem motivo, causa o mal.

— O *Diario de Noticias,* de antehontem, publica o artigo do *Campeão* de sabbado, ácerca do projecto do sr. ministro das obras publicas sobre o aproveitamento das aguas, e que vem firmado pelo nosso distincto collega, sr. Fernando de Vilhena. Prova isto que o referido jornal liga ao artigo, e com razão, a maxima importancia.

— O sr. Bento de Moura Coutinho partiu para Vizeu. O honrado e bondoso director geral das obras publicas foi alli estudar o traçado da avenida, e ver outras obras importantes da localidade e do districto.

— Não foi nomeado o sr. conde de Valenças para provedor da Misericordia de Lisboa. A escolha do sr. ministro do reino recahiu n'outro cavalheiro tambem muito digno, e que tem prestado á casa importantes serviços—o sr. Paulo Midozi. Escolhas d'estas honram quem as faz.

— O sr. dr. Avellar, sub-delegado de saude, encontrou ha dias na sua visita sanitaria á vaccaria n.º 70 da rua do Arco do Marquez de Alegrete, pertencente ao sr. Antonio Dias Gonçalves, 4 vaccas com tuberculose. Foram immediatamente removidas para o hospital veterinario. E é do leite em grande parte que procedem as muitas tuberculoses que em Lisboa se soffrem Atalhar por todos os modos ao mal que se propaga, bom serviço é.

Sobre o assumpto escreve um jornal d'aqui o seguinte:

«Não resta nenhuma duvida aos sabios de que a *tuberculose* é uma doença inficciosa. Depois dos trabalhos da escola de *Lyon* ficou tambem inteiramente reconhecida a identidade da tuberculose humana com a tuberculose bovina, assim como das outras especies de animaes. O congresso da tuberculose em Paris, ha dias encerrado, como já dissemos, buscou estudar os meios de evitar e combater a propaganda do terrivel flagello. O contagio da tisica faz-se, pois, pelas mucosas, e a grandes perigos nos expõem a carne e o leite dos animaes tuberculosos. E' necessario cada vez ser mais energico e cuidadoso nos meios locaes e geraes para combater a extensão e desenvolvimento do mal. Unanimemente reconheceram os membros do congresso que—todo o leite proveniente de vaccas tuberculosas é perigoso, é virulento, contem bacilios de tuberculose. E muitas vezes estão tisicas as vaccas da melhor apparencia, mesmo gordas e parecendo gosar boa saude. Por isso, sobre tudo para a alimentação das creanças, se for absolutamente indicado o uso do leite crú, deve-se usar o leite de cabra, porque nenhum exemplo prova que esse animal fosse atacado de tuberculose. Em todos os demais casos, o leite deve ser fervido. Igual precaução é prudente para o uso das pessoas. Em Dijon observou-se que em cada 16 animaes tuberculosos entregues ao talho, em média, cada anno, 4 continham bacilios tuberculosos na carne muscular. O congresso votou a destruição total das carnes dos animaes tuberculosos, e aconselhou a abstenção completa do uso, perigosissimo, a que recorrem muitos doentes anemicos, de ir aos matadouros municipaes beber o sangue dos animaes recentemente abatidos.

— A camara municipal, em sessão de sabbado, depois de larga discussão, approvou a concessão requerida pelo sr. Camille Verdier, para a construção de uma ponte metallica entre a S. Pedro de Alcantara e a Graça, sob as condições indicadas nas conclusões do parecer da sua commissão executiva. A sessão terminou cerca das 6 horas.

Segundo me informam a ponte ou o viaducto, cuja construcção foi concedida ao sr. Camillo Verdier, dirigir-se-ha do extremo da rua de D. Pedro V, em S. Pedro d'Alcantara, ao convento de Sant'Anna, proximo da antiga praça de touros, e este lanço terá a extensão de 600 metros. Junto do convento de Sant'Anna abrir-se-ha uma grande Rotunda, e d'esse ponto partirá outro lanço do viaducto, na extensão de 700 metros, a terminar no alto da calçada do Monte, sendo continuado d'ahi até ao largo da Graça, por uma avenida. A ponte deve passar por cima da Avenida da Liberdade sobre um arco de 150 metros de abertura, e do Campo de Sant'Anna para o Monte sobre outro arco, que galgará por cima das ruas Nova da Palma e do Bemformoso. N'estas ruas e na Avenida haverá grandes elevadores que levantem até aos taboleiros peões, cavalgaduras e carruagens; outros elevadores mais pequenos, situados em outros pontos, multiplicarão tambem as serventias da ponte. Os taboleiros hão de ser dois, a 7 metros um sobre o outro, e um d'elles ou ambos serão envidraçados e guarnecidos de barracas elegantes para estabelecimentos commerciaes; na Avenida, o taboleiro inferior deve passar a 50 metros acima do solo. Taes são os topicos principaes do projecto. Como já dissemos, o sr. Camillo Verdier não pediu subsidio para a construcção, pediu apenas a exploração por 40 annos, findos os quaes a obra ficará pertencendo ao municipio. E' realmente vantajosissimo!

— Foram reciprocamente transferidos os srs. dr. Manuel Pereira Dias, governador civil do districto de Castello Branco, para Coimbra, e o d'este districto, o sr. conselheiro Julio Lourenço Pinto, para Castello Branco.

— Foram nomeados os srs. Jeronymo Pimentel, Almeida e Brito, Fernando Mattoso, Antonio Caetano Pereira, Teixeira Guimarães, Fuschini e Jacintho Pereira para estudarem a installação, por conta do estado, da moagem e fabrico do pão, bolacha e massas. A mesma commissão fica encarregada de organisar um parque de forragens.

— Foi uma festa agradavel a inauguração do serviço do abastecimento das aguas em Cintra. Assistiram a ella, além das auctoridades da villa e de grande numero de pessoas, os duques de Bragança, que dirigiram phrases muito amaveis não só ao engenheiro o sr. Brito, como ao constructor o sr. Pinto Bastos e ao presidente da camara municipal o sr. Oliveira. Assistiu tambem á festa o sr. conselheiro Mariano de Carvalho. Os jorros d'agua produziram bom effeito bem como a illuminação na Villa Estephania.

— Está resolvido para sabbado de tarde uma brilhante batalha de flores nos Pisões, em Cintra. A princeza D. Amelia preside á festa. Estão preparando lindas carruagens. Haverá no fim peditorio para os pobres. A banda da guarda municipal tocará durante a batalha. Reina grande enthusiasmo na sociedade elegante de Cintra. Bom serviço humanitario é este.

— Sabe-se que tomou posse do cargo de governador civil do districto de Coimbra o sr. dr. Manuel Pereira Dias, transferido para alli de Castello Branco. O sr. Pereira Dias é lente distincto da universidade e distincção politica muito considerada.

— As obras do tunel de Lisboa estão produzindo uma grande deslocação nos terrenos que formam a encosta de S. Pedro d'Alcantara, sendo muito de presumir uma grande catastrophe. A grande muralha que sustenta o jardim do lado da rua de S. Sebastião das Taipas tem grandes fendas e os vergalhões que sustentam as grades da muralha da mesma rua para a calçada da Gloria estão fóra dos pilares de pedra cêrca de 8 a 10 centimetros.

— A administração da Real Casa Pia de Lisboa vae mandar construir a nova praça de touros na cêrca do edificio dos Jeronymos. Diz-se que a construcção é feita de alvenaria e ferro. Parece que ainda não está decidido qual o ponto da cêrca onde será edificado, mas que a praça será bastante espaçosa para que os preços fiquem ao alcance de todas as bolsas.

— Pela policia do porto, foram presos e remettidos para a Boa Hora 4 individuos que munidos de passaportes falsos pretendiam seguir para o Brazil no vapor *Bahia.* Os seus nomes e naturalidades são os seguintes: José Rochino, de Vouzella; Joaquim Ferreira, d'Aguada de Cima, e Eduardo Marques, de Miranda do Corvo.

— O numero total dos mancebos recenseados para o serviço militar em todo o paiz é de 87:580. E' sobre este numero que teem de ser distribuidos os respectivos contingentes militares de este anno, segundo as disposições da nova lei do recrutamento.

— Como lhe disse já, foi assignado o contrato do emprestimo para 90:000 obrigações do tabaco e 280:000 da conversão dos titulos de 5 por cento de 1881. As obrigações serão todas do juro de 4 1[2 por cento, amortisaveis em 75 annos. As obrigações foram todas tomadas firmes a 459 1[4 francos; mas como a amortisação das obrigações em vez de ser a 505 francos, como até aqui, se fará a 500 francos, o preço real que o governo obtém pelas obrigações será 464 1[4. Não ha commissão, no contrato, para os tomadores do emprestimo. N'esta operação, além dos Bancos francezes, allemães e portuguezes que teem tomado parte nos emprestimos anteriores, entram de novo tres Bancos de Francfort. Assignou o contrato, como tambem lhe disse já, o sr. Henrique Moser, como representante dos Bancos francezes, allemães e portuguezes.

— Em uma das carruagens do comboyo chegado hoje do norte foi encontrado um rapaz que apparenta ser maior de 20 annos e dá indicios de idiotismo. Diz apenas chamar-se Manuel Fernando Felgueiras e que é natural de Oliveira de Azemeis. Não deu mais explicações, porque nada mais sabe dizer, parecendo que será um infeliz a quem a famila abandonou. A authoridade remetteu-o para o hospital e vae averiguar d'onde elle veio.

— O conselho de estado reune no dia 16 para deliberar sobre a convocação das côrtes para o juramento do Principe Regente, que será talvez nos primeiros dias de setembro.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 10

O conselho administrativo faz saber que no dia 27 do corrente mez de agosto, pelas onze horas da manhã e na secretaria d'este regimento se procederá novamente á arrematação para o fornecimento de forragens a seco pelo tempo de um anno, sendo arbitrada como caução ao cumprimento do contrato, a quantia d'um conto de reis. As condições acham-se patentes na secretaria do regimento.

Quartel em Aveiro, 11 de agosto de 1888.

O Secretario do Conselho
Vortunato Antonio Mendes d'Almeida.
Tenente.

ATTENÇÃO

DESEJANDO vir a esta cidade uma senhora que dá lições de côrte pela escola franceza, pede o obsequio ás senhoras que desejarem aprender, de se dirigirem para o Porto, rua Formosa, n.º 60. Cada 20 lições, 9$000 reis.

ANNUNCIO

NO dia 26 do mez d'agosto corrente, pelas 11 horas da manhã, junto á porta do tribunal judicial d'esta cidade, e no inventario de menores a que se procedeu por obito de João Simões da Rocha, viuvo, do logar das Ribas d'Ilhavo, e em que foi cabeça de casal Francisco Baptista, casado, d'ahi, se ha de proceder á venda em hasta publica da sexta parte d'uma azenha, casas, e respectivas pertenças, no Cabeço da Coitada, indo á praça no valor de 46$666 reis, e d'umas casas terreas, abegoarias, poço e aido de terra lavradia e arvores de fructo, que levará de semeadura 18 litros de trigo, sito no logar das Arribas d'Ilhavo, e é onerada com o fôro annual de 35 litros de trigo tremez, ou o seu valor em dinheiro que se paga á Fazenda Nacional, como successora do convento das Carmelitas d'esta cidade d'Aveiro, indo á praça no valor de 40$000 reis. Bens estes que pertencem ao ausente Manuel Simões da Rocha, filho d'aquelle inventariado, e vão á praça para pagamento de dividas do mesmo ausente. Pelo presente são citados para assistirem á arrematação quaesquer credores incertos e ainda outras pessoas que possam uzar de seus direitos.

Aveiro 4 d'agosto de 1888.

O escrivão substituto,
Gualdino Manuel da Rocha Calisto.
Verifiquei a exacção—*A. Cortezão.*

CAMARA MUNICIPAL
DA
FEIRA

ADJUDICAÇÃO D'EMPREITADA

A Camara Municipal da Feira faz saber: que perante ella em sessão de 22 do corrente, hade adjudicar-se em hasta publica a empreitada da construcção do edificio dos banhos de S. Jorge, e obras annexas segundo os projectos e orçamentos approvados pela Camara em sessão do 1.º do corrente.

A base de licitação é de 6:995$798 réis importancia do respectivo orçamento. Só será admittido a licitar quem antes da offerta do seu lanço apresentar recibo da thesouraria municipal, que prove ter depositado n'ella á ordem da Camara em notas, dinheiro ou titulos ao portador da divida publica nacional pelo valor do mercado a quantia de 200$000 réis que será levada á conta de deposito definitivo a favor do depositante a quem fôr adjudicada a empreitada ou que será, finda a licitação, restituida logo a cada um dos demais depositantes. A adjudicação provisoria será feita a quem offerecer menor lanço e só se converte em definitiva mediante o augmento immediato do deposito provisorio até á quantia correspondente a dez por cento do preço da ajudicação. O deposito definitivo vencerá, emquanto durar, o juro de cinco por cento a favor do empreiteiro. Os projectos, orçamento e caderno d'encargos acham-se patentes na secretaria municipal onde podem ser examinados todos os dias uteis desde ás 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Feira 1 d'agosto de 1888.

O Presidente da Camara,
Roberto Alves de Souza Ferreira.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES
DE
500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje. Não tem rival. E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

INJECTION BROU

Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.

Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

VERDADEIROS GRÃOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigens, Congestões, etc.—Dose ordinaria: 1, 2 a 3 grãos. Exige-se CAIXINHAS AZUES e o Sello da União dos Fabricantes. Em PARIS, Pharmacia LEROY.—Deposito em todas as principaes Ph.ᶜⁱᵃˢ

300,000 Doentes curados de DARTROS, CRAVOS, VIRUS, ULCERAS pelo DEPURATIVO CHABLE. Em todas as Pharmacias do Universo. Onde se encontra gratis a Noticia Chable.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHEA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, ESGOTAMENTO, etc., etc. pelo CITRATO DE FERRO CHABLE. Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o endereço ao lado.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

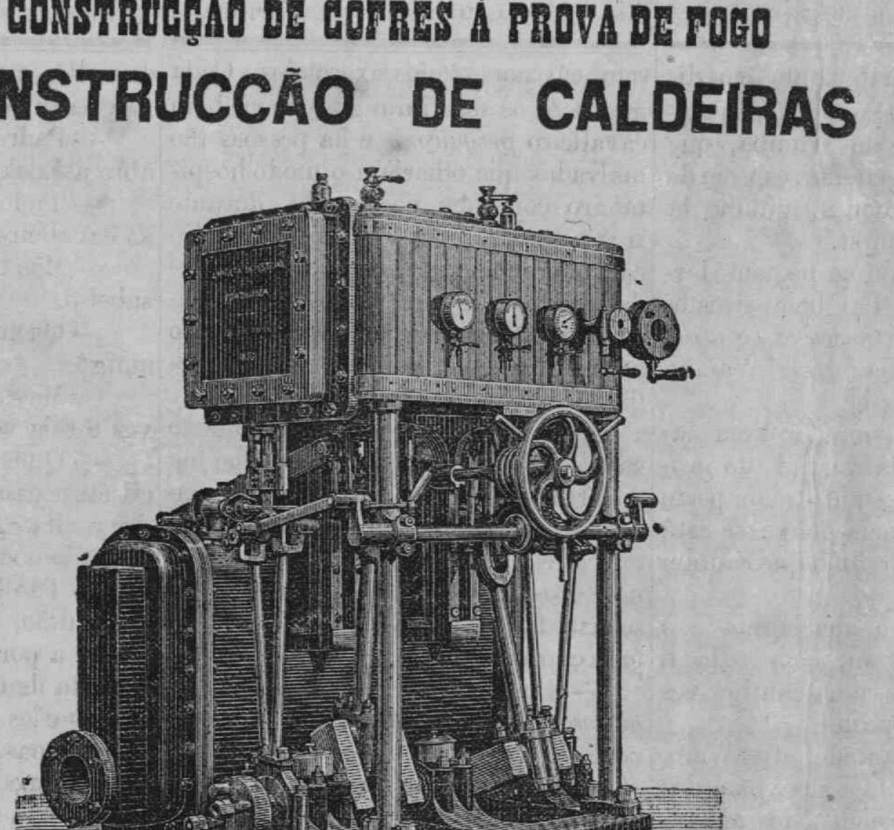
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCCÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, telhados, *vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais reduzidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das poquenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

DIRECÇÃO
DAS
OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO

3.ª SECÇÃO

Estrada districtal n.º 35-A, de Poiares a Luso

Ramal de Luso á Pampilhosa

ARREMATAÇÃO

FAZ-SE publico que no dia 26 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na Administração do concelho da Mealhada, se ha-de proceder á arrematação, em carta fechada, das empreitadas parciaes seguintes:

1.ª—1:500 metros cubicos de alvenaria ordinaria em muros de supporte entre os perfis 8 a 11.—BASE DE LICITAÇÃO 2:550$000 REIS.—DEPOSITO PROVISORIO 64$000 REIS.

2.ª—2:000 metros cubicos de alvenaria ordinaria em muros de supporte entre os perfis 12 a 17.—BASE DE LICITAÇÃO 3:400$000 REIS.—DEPOSITO PROVISORIO 88$000 REIS.

3.ª—Fornecimento de 400 metros cubicos de pedra para alvenaria.—BASE DE LICITAÇÃO 240$000 REIS.—DEPOSITO PROVISORIO 6$000 REIS.

A carta fechada que cada concorrente apresentar deverá conter:

1.º Declaração escripta, obrigando-se a fazer o deposito de 5 por cento sobre o valor da adjudicação.

2.º Documento de competencia para a execução da obra.

3.º Proposta de preço fechada em subscripto separado.

4.º Documento de ter feito o deposito provisorio.

Os desenhos e as condições especiaes da arrematação estão patentes na Administração do concelho da Mealhada, na secretaria da Direcção e na 3.ª secção em Luso.

Aveiro, 6 de agosto de 1888.

O Engenheiro Director,
Casimiro d'A. de Sousa Menezes.

FERRO DE QUEVENNE

É o ferro no estado **puro** e, desde 50 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: **ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES de ESTOMAGO,** etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela

ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS.

DESCONFIE-SE das IMITAÇÕES e FALSIFICAÇÕES impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato. EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne,* O SELLO DA *"Union des Fabricants."*

Vende-se: 1º em *Pó;* 2º em *Grageas.*

Deposito Geral do Verdadeiro **FERRO de QUEVENNE** *(transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888):* **8, Rue du Conservatoire, PARIS.**

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pêlo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachi hasé um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast,* para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN

Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.

PREÇO: 600 REIS.

Exigir em o rotulo a firma
Adh. DETHAN. Phᶜᵒ em PARIS.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Pariz) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como *preservativo.*

Exija-se a assignatura de RAQUIN.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES
78, FAUBOURG SAINT-DENIS, Pariz,
E em todas as boas pharmacias do extrangeiro.

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES
AVEIRO

GUIOMAR TORRESÃO
Almanach das Senhoras, para 1889. . 240

EÇA DE QUEIROZ
Os Maias, episodios da vida romantica, 2 grossos volumes. . . . . 2$000

SILVIO PELLICO

AS MINHAS PRISÕES

TRADUCÇAO
DE
CUNHA QUEIROZ

Um elegante volume in-8.º, de 332 paginas, illustrado, com magnifico papel. Preço 400 reis, pelo correio 450 réis. Pedidos aos editores Campos & C.ª, 86, rua Auguss ta, 88—Lisboa.

RAMALHO ORTIGAO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingloza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores, Clerigos, 98—Porto.

ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES

AGUARELLAS
DE

Alfredo Roque Gameiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Condeixa, Malhôa, Manuel de Macedo, Raphael Bordallo Pinheiro e outros.

ARTIGOS DESCRIPTIVOS
DE

Fialho d'Almeida, Julio Machado, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha

Publicação quinzenal aos fasciculos

Assigna-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa, Rua da Atalaya, 40 a 52. e na Filial do Porto, Praça de D. Pedro, 127 1.º andar.

COLLECÇÃO DOS ACCORDÃOS
DO
SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Proferidos sobre a materia contenciosa desdes a sua organisação (9 de julho de 1870) até 31 de dezembro de 1883, copiados na integra da Legislação Official e coordenados alphabeticamente

POR
Miguel da Costa Trindade

Amanuense do Governo Civil de Leiria

Estão publicados 3 volumes que conteem e Decreto de 9 de junho de 1870 pelo qual foi separado o Conselho d'Estado Politico do Conselho d'Estado Administrativo, ficando este a denominar-se Supremo Tribunal Administrativo; o relatorio apresentado pelos ministros e secretarios d'Estado que motivou aquelle Decreto; e todas as resoluções proferidas sobre;—Accordãos=Acções=Actas=Açudes=Aforamentos=Alcances=Alheação=Alfandegas=Alinhamentos=Arrematações=Arvores=Assembleias=Audiencias=Baldios=Boticarios=Brazões=Camaras Capellas=Carnes (fornecimentos)=Celleiros communs=Cemiterios=Companhias=Compascuo=Conflictos=Contas=Contractos—e Contribuição industrial.

A parte que respeita á contribuição industrial é sem duvida uma das, mais importantes d'esta collecção por que n ella se acham resolvidas as muitas e differentes interpretações a que dão logar as leis e regulamentos respectivos, não só sobre o lançamento d'esta contribuição, como sobre a formação de matrizes, classificação das industrias, mudança de umas classes para outras, ommissão de inscripção, organisação e attribuições dos gremios, attribuições das camaras municipaes, juntas dos repartidores, escrivães de fazenda, tribunaes e funccionarios superiores; maneira de interpôr os recursos ordinarios e extraordinarios, informações colhidas, validade de attestados e declarações, provas, prasos, annullações e muitos outros incidentes que se dão n'este ramo de serviço publico e que occasionam a infenidade de acclamações e recursos que constantemente sobem ás instancias superiores, interpostos por contribuintes ou pelos funccionarios que a isso são obrigados por lei.

Não obstante os accordãos se acharem coordenados alphabeticamente de fórma que de prompto se encontram todas as resoluções que tenham sido proferidas em recursos sobre certo e determinado assumpto, ainda cada volume é precedido de um desenvolvido indice alphabetico não só dos negocios de que trata cada uma das resoluções, tambem das doutrinas expendidas nos respectivos considerandos.

Preço dos 3 volumes 2$150 reis, franco de porte.

A' venda: na redacção do *Districto de Leiria,* Leiria; no Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Lisboa, livraria do sr. Joaquim José Bordallo, travessa da Victoria; e em outras das principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

KALENDARIO DOS EMPREGADOS PUBLICOS E DO COMMERCIO

Para o anno de 1889

2.º ANNO

Proprio para carteira

Summario—Kalendario Commercial—Feriados—Dias sanctificados—Adiantamento de vencimentos—Empregos publicos: Direitos de mercê—Emolumentos—Licenças com vencimento—Sello de diplomas—Telegraphos: Estações urbanas em Lisboa—Correios: Vales nacionaes—Ultimas tiragens de cartas—Contribuições de juros nas letras—Sellos em recibos particulares e de vencimento, etc.

A' venda nas livrarias e kiosques. Preço 20 reis. Pedidos ao Kiosque Elegante, Rocio, Lisboa.

METHODO JOÃO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo methodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proprio auctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.º 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e da ta dos respectivos diplomas.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO